Português

Literatura – Brasileira – Modernismo (3 Fase) – [Difícil]

01 - (CEFET PR)

Sobre a coletânea de contos "*Felicidade Clandestina"*, de Clarice Lispector, NÃO é correto afirmar que:

a) Os contos têm em comum uma análise psicológica profunda da relação do indivíduo com as outras pessoas, com o mundo e consigo mesmo por meio do fluxo de consciência, privilegiando a descoberta de pequenos sentidos na vida.

b) As narrativas da obra, de caráter surrealista, provocam um efeito de estranhamento, abrindo um leque de interpretações por parte do leitor.

c) Há narrativas que, por meio de um ponto de vista feminino, tratam da fragmentação do ser humano moderno, oprimido pelo papel social que lhe cabe, rotina de vida e espaço urbano inóspito.

d) Entre os temas tratados em cada história, podem-se destacar a identificação com o outro, a impossibilidade de comunicação, a fuga da realidade, a procura pelo sentido da vida, a dor inerente ao processo de amadurecimento e o prazer da leitura.

e) As narrativas são marcadas pela descrença no divino, especialmente nos contos "Perdoando Deus" e "A repartição dos pães", em que o narrador busca uma explicação racional para a necessidade de religião, na primeira narrativa, e para a parábola bíblica, na segunda.

02 - (ITA SP)

Considere os seguintes excertos de poemas:

I. Um paia de Monai, bonzo bramá

Primaz de Cafrana do Pegu,

Que sem ser do Pequim, por ser do Açu,

Quer ser filho do Sol, nascendo cá.

II. Debruçada nas águas dum regato

A flor dizia em vão

A corrente onde bela se mirava...

“Ai, não me deixes não”

“Comigo fica ou leva-me contigo

“Dos mares à amplidão,

“Límpido ou turvo, te amarei constante:

“Mas não me deixes não!”

III. ... de árvores indevassáveis

De alma escusa sem pássaros

Sem fonte matutina

Chão tramado de saudades

À eterna espera da brisa.

Sem carinhos... como me alegrarei?

Na solidão solitude

Na solidão entrei

Pode-se afirmar que pertence(m) ao Modernismo:

a) Apenas o I.

b) Apenas o III.

c) I e II.

d) I e III.

e) Todos.

03 - (ITA SP)

O livro de contos *Laços de família*, de Clarice Lispector, reúne textos que, em geral, apresentam:

a) dramas femininos relacionados ao adultério.

b) personagens femininas envolvidas com reflexões pessoais desencadeadas por um fato inusitado.

c) dramas femininos ligados exclusivamente ao problema da solidão.

d) personagens femininas lutando por causas sociais.

e) personagens femininas preocupadas com o amor à família.

04 - (UFRGS)

Leia os trechos abaixo, extraídos do romance "Grande Sertão: Veredas", de João Guimarães Rosa.

1. "O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam."

2. "Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. [...] Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro; um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser - se viu -; e com máscara de cachorro."

3. "O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: [...] Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; é onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade."

4. "Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder."

5. "[...] sempre que se começa a ter amor a alguém, no ramerrão, o amor pega e cresce é porque, de certo jeito, a gente quer que isso seja, e vai, na idéia, querendo e ajudando; mas, quando é destino dado, maior que o miúdo, a gente ama inteiriço fatal, carecendo de quer, e é um só facear com as surpresas. Amor desse, cresce primeiro; brota é depois."

Associe adequadamente as seis afirmações abaixo com os cinco fragmentos transcritos acima.

( ) Sob o forte impacto do seu amor por Diadorim, Riobaldo procura entender a diferença desse amor imposto pelo destino.

( ) O narrador busca definições exemplares do sertão, espaço que não se pode dimensionar.

( ) Trata-se das palavras iniciais do romance, que já dão sinais da existência de um interlocutor presente.

( ) Riobaldo ultrapassa a condição de homem da sua região, narrando o seu desejo de compreender os sentimentos e as forças que movem a vida humana.

( ) Trata-se de uma reflexão sobre a memória dos episódios vividos pelos seres humanos.

( ) O diabo, que Riobaldo vai enfrentar na cena do pacto, pode assumir várias formas, como as de animais.

A seqüência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

a) 3 - 2 - 5 - 4 - 1 - 3.

b) 5 - 3 - 2 - 4 - 1 - 2.

c) 4 - 2 - 3 - 1 - 5 - 4.

d) 5 - 3 - 4 - 2 - 2 - 1.

e) 4 - 1 - 3 - 1 - 5 - 2.

05 - (FUVEST SP)

Sim, que, à parte o sentido prisco, valia o ileso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado. Porque, diante de um gravatá, selva

moldada em jarro jônico, dizer-se apenas drimirim ou amormeuzinho é justo; e, ao descobrir, no meio da mata, um angelim que atira para cima cinqüenta metros de tronco e fronde, quem não terá ímpeto de criar um vocativo absurdo e bradálo - Ó colossalidade! - na direção da altura?

(João Guimarães Rosa, "São Marcos", in "Sagarana")

PRISCO = antigo, relativo a tempos remotos.

GRAVATÁ = planta da família das bromeliáceas.

Comparando-se as concepções relativas à natureza presentes no excerto de Guimarães Rosa com as que se manifestam nos poemas de Alberto Caeiro, verifica-se que em Rosa, ..., ao passo que, em Caeiro, ...

Mantida a seqüência, os espaços pontilhados podem ser preenchidos corretamente pelo que está em:

a) a observação da natureza provoca um desejo de nomeação e até de invenção lingüística / o ideal seria o de que os elementos da natureza valessem por si mesmos, sem nome nenhum.

b) a natureza é pura exterioridade, desprovida de alma / ela é um ente animado, dotado de interioridade e personalidade.

c) a natureza vale por seus aspectos estéticos e simbólicos / ela tem valor prático e utilitário, ou seja, é valorizada na medida em que, transformada pela técnica, serve para suprir as necessidades humanas.

d) a relação com a natureza é pessoal e até íntima / a natureza apresenta caráter hostil e, mesmo, ameaçador.

e) a natureza é misteriosa e indecifrável / ela é portadora de uma mensagem mística que o homem deve decifrar servindo-se dos instrumentos da Razão.

06 - (UFSCar SP)

As questões adiante referem-se ao trecho de "Grande sertão: veredas", de Guimarães Rosa, reproduzido a seguir. Nessa obra, a personagem Diadorim é uma mulher que se faz de homem para

entrar no bando de Riobaldo - narrador da história - e vingar a morte de seu pai. Riobaldo só descobre isso depois da morte de Diadorim.

Mas Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos - vislumbre meu - que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. (...) De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! Me franzi. Ele tinha a culpa? Eu tinha a culpa?

Assinale a oração em que, alterando-se a posição do pronome, faz-se a sua adequação ao registro prescrito pela gramática normativa da língua portuguesa.

a) Ele tinha a culpa? = Tinha a culpa ele?

b) Me franzi. = Franzi-me.

c) Os olhos - vislumbre meu ... = Os olhos - meu vislumbre...

d) ... como o de nenhum pasto. = ... como o de pasto nenhum.

e) De que jeito eu podia amar um homem ... = De que jeito podia eu amar um homem ...

As orações interrogativas que finalizam o trecho permitem entender que

a) o amor representa, necessariamente, indecisão.

b) o amor não revela a sensibilidade humana.

c) sem culpa não se vive o amor.

d) não há culpados quando se ama.

e) o amor é sentimento de culpa e sofrimento.

As considerações do narrador mostram-no confuso pelo fato de:

a) estar apaixonado sem ser correspondido.

b) não conseguir esconder o seu amor por Diadorim.

c) perceber que nutria por Diadorim um amor homossexual.

d) sentir crescer o amor de Diadorim por ele.

e) ser ignorado por Diadorim, que não sabe de seu amor.

07 - (UEL PR)

"Os rios que correm aqui

têm a água vitalícia.

Cacimbas por todo lado;

Cavando o chão, água mina.

Vejo agora que é verdade

O que pensei ser mentira

Quem sabe se nesta terra

Não plantarei minha sina?

Não tenho medo de terra

(cavei pedra toda a vida),

e para quem buscou a braço

contra a piçarra da Caatinga

será fácil amansar

esta aqui, tão feminina"

(MELO NETO, João Cabral de. "Morte e vida Severina e outros poemas para vozes".

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 41.)

piçarra: material semidecomposto da mistura de fragmentos de rocha, areia e concreções ferruginosas.

Em relação ao trecho acima, de Morte e Vida Severina, considere as afirmativas.

I. Esses versos referem-se ao momento em que Severino chega à zona da mata e encontra a terra mais macia. Isso nos é revelado num estilo suave e melodioso, em que a sonoridade das palavras expressa o entusiasmo do retirante.

II. "Rios", "cacimbas", "água vitalícia" e "água mina" são expressões que remetem a um pensamento positivo sobre a região por onde passa o retirante Severino. Isso mostra a sua alegria por ter encontrado um lugar onde ele viverá com toda a sua família até a morte.

III. Nesse trecho Severino encontra o que procura: água e, conseqüentemente, vida. Isso está retratado nos versos "Não tenho medo de terra/ (cavei pedra toda a vida)".

IV. A expressão "tão feminina" do último verso é uma metáfora de terra macia, fácil de trabalhar, e se opõe à expressão "piçarra da Caatinga", que significa terra dura, pedregosa.

V. Os versos "Os rios que correm aqui/ têm a água vitalícia" significam que os rios nunca morrem. Essa constatação refere-se à região da Caatinga, onde Severino vive sua saga.

Assinale a alternativa correta.

a) Apenas as afirmativas I, III e V são corretas.

b) Apenas as afirmativas I e IV são corretas.

c) Apenas as afirmativas I, II e V são corretas.

d) Apenas as afirmativas I, II e IV são corretas.

e) Apenas as afirmativas IV e V são corretas.

08 - (UFRRJ)

TEXTO III

Primaveras na Serra

Claridade quente da manhã vaidosa.

O sol deve ter posto lente nova,

e areou todas as manchas,

para esperdiçar luz.

Dez esquadrilhas de periquitos verdes

receberam ordem de partida,

deixando para as araras cor de fogo,

o pequizeiro morto.

E a árvore, esgalhada e seca, se faz verde,

vermelha e castanha, entre os mochoqueiros,

braúnas, jatobás e imbaúbas do morro,

na paisagem que um pintor daltônico

pincelou no dorso de um camaleão.

E o lombo da serra é tão bonito e claro,

que até uma coruja,

tonta e míope na luz,

com grandes óculos redondos,

fica trepada no cupim, o dia inteiro,

imóvel e encolhida, admirando as cores,

fatigada, talvez, de tanta erudição...

ROSA, João Guimarães. "Magma". Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 141.

Nos versos "na paisagem que um pintor daltônico / pincelou no dorso de um camaleão.", predomina a imagem da

a) eloqüência.

b) estabilidade.

c) liberdade.

d) mutação.

e) ilustração.

"E a árvore, esgalhada e seca, se faz verde,"

O verso destacado demonstra que, no ambiente reconstruído poeticamente pelo texto:

a) até mesmo a morte é matéria para a continuidade da vida.

b) a morte é desprezada pela exuberância e naturalidade da vida.

c) não há espaço para a vida humana, só para a vida selvagem.

d) o verde é a cor predominante porque é sinônimo de vida.

e) a morte vai estar sempre presente, sobrepondo-se à vida.

O verso que encerra uma metáfora é:

a) "vermelha e castanha, entre os mochoqueiros,"

b) "E o lombo da serra é tão bonito e claro,"

c) "o pequizeiro morto."

d) "fica trepada no cupim o dia inteiro,"

e) "imóvel e encolhida, admirando as cores,"

Há no texto predominância de vocábulos relacionados à percepção sensorial por intermédio:

a) do tato.

b) do olfato.

c) da audição.

d) do paladar.

e) da visão.

09 - (UFRGS)

Leia o trecho abaixo de "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa.

"-Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvores no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser - se viu -; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beiços, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram - era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono dele nem sei quem for. Vieram emprestar minhas armas, cedi. Não tenho abusões. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente - depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão."

Assinale a afirmativa correta em relação ao trecho.

a) "Nonada" remete a uma situação anterior, pressuposta no início do romance, sobre a qual o narrador e o ouvinte estariam conversando.

b) As palavras do narrador indicam que o "senhor" compreendeu adequadamente o ocorrido.

c) A interpretação do interlocutor sobre os tiros está equivocada, pois aquilo que ele pensou não poderia ocorrer no sertão.

d) O aparecimento do bezerro com máscara de cachorro não causa estranhamento entre os sertanejos.

e) Para o narrador, os tiros sempre indicam que houve morte de homens.

10 - (PUCCamp SP)

A obra literária não é reflexo mecânico de momentos históricos, mas não podemos compreender integralmente o significado dela se a desvincularmos de todos os valores e circunstâncias temporais que nela ganham particular expressão. As formas de viver, de amar e de morrer traduzem o espírito de uma época, ao qual nenhum artista é insensível.
Se um velho e casmurro narrador realista se dispõe a contar suas melancólicas memórias pessoais, nelas também surpreenderemos elementos estruturais da sociedade da época; e quem mergulha no sertão, ainda que para falar de questões do homem universal, falará também da cultura sertaneja. O sofisticado poeta João Cabral de Melo Neto, cujos versos seguem à risca rigorosos paradigmas de construção, não deixa de dar voz a personagens rústicas da realidade nordestina. Um bom leitor deve estar atento não apenas aos componentes lingüísticos mais visíveis de uma obra, mas também às referências históricas, culturais e políticas que nela estão sempre vivas, pulsando.

(Ambrósio Nogueira, inédito)

O fragmento abaixo pertence a "Vidas secas", de Graciliano Ramos:

Chegaram à igreja, entraram (...) Os meninos também se espantavam. No mundo, subitamente alargado, viam Fabiano e Sinhá Vitória muito reduzidos, menores que as figuras dos altares. Não conheciam altares, mas presumiam que aqueles objetos deviam ser preciosos. As luzes e os cânticos extasiavam-nos. De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de Sinhá Vitória e o aboio de Fabiano. O aboio era triste, uma cantiga monótona e sem palavras que entorpecia o gado.

Contextualizando-se esse fragmento na obra acima referida, deduz-se que

I. uma família nordestina, por mais privações que enfrente, não deixa de expressar regularmente a mais profunda fé religiosa.

II. entre a vida rural e a das cidades há diferenças culturais, responsáveis pela reação de espanto dessas rústicas personagens.

III. os meninos sentem a estreiteza do mundo de suas experiências familiares comparando-as ao encantamento das novas.

Está correto o que se afirma em

a) III, somente.

b) I e II, somente.

c) I e III, somente.

d) II e III, somente.

e) I, II e III.

Daí porque o sertanejo fala pouco:

as palavras de pedra ulceram a boca

e no idioma pedra se fala doloroso;

o natural desse idioma fala à força.

Nos versos acima, de um poema de "A educação pela pedra", de João Cabral de Melo Neto, sugere-se uma das fortes lições da poética representada nesse livro:

a) todo estilo de linguagem é determinado pela caprichosa vontade de quem fala.

b) a linguagem incorpora em si mesma as características do meio em que se produz.

c) costuma-se falar pouco quando a fantasia excede o poder de quaisquer palavras.

d) em toda fala o tema principal é sempre a impossibilidade de se expressar.

e) há linguagens que fluem de um modo tão natural quanto o de uma pedra que cai.

Na novela "Miguilim", de Guimarães Rosa, o leitor compreenderá que as sofridas experiências de menino no Mutum permitirão que o protagonista, quando adulto,

a) procure esquecê-las, valorizando a vida que passou a ter depois de superar as privações de sua infância vazia.

b) a elas se refira de modo a compensar aqueles momentos negativos com as fantasias que agora lhes acrescenta.

c) a elas se refira com o natural ressentimento de quem olha para o passado e percebe que só tem perdas a lamentar.

d) as retome para analisar sua fragilidade de criança, em meio às condições penosas daquela rotina sem revelações.

e) as retome para valorizar o aprendizado profundo da infância, que incluiu as perdas afetivas e o ganho de quem descobre.

11 - (UFV MG)

Leia o seguinte comentário sobre o conto "Feliz aniversário", da obra "Laços de Família", de Clarice Lispector:

Bastante legível, mesmo num primeiro contato com o texto "Feliz aniversário", é a desmontagem de cunho crítico-social das diversas situações nele apresentadas através da "festa" - momento de "encontro" familiar, onde diversos sentimentos, regras e condutas são expostos. "Feliz aniversário" bem esboça a lógica dos contos constantes do livro "Laços de Família". Os "laços", de família, constituem-se ao mesmo tempo em proximidade, distância, dilaceramento e prisão. Na festa, as semelhanças e as diferenças, em especial as de classes, ficam reunidas para o cumprimento do instituído. Assim, cercadas as personagens, mais visíveis se tornam a artificialidade, a revolta, o despeito e o ódio: todos os sentimentos mascarados sob a aparência de um "feliz" aniversário. Menos visível - porque mais ausente - estará também sendo tecida a linha de vida e do amor [...].

SANTOS, R. Corrêa dos. "Clarice Lispector". São Paulo: Atual, 1986. p. 58.

Reflita sobre o texto crítico anterior em sua relação com as afirmativas I, II e III:

I. A "desmontagem do cunho crítico-social das diversas situações" apresentadas no conto "Feliz aniversário" pode ser observada na forma irônica com que a narradora vê a miséria humana através do olhar crítico da velha, a ponto de comparar os membros de sua família a "ratos se acotovelando".

II. "Os 'laços', de família, constituem-se ao mesmo tempo em proximidade, distância, dilaceramento e prisão". Isso se pode verificar na maneira sutil e minuciosa com que Clarice Lispector descreve o perfil psicológico da personagem Anita, que, no conto, é denominada: "Mamãe", "Vovó" e "D. Anita".

III. A "artificialidade, a revolta, o despeito e o ódio: todos os sentimentos mascarados sob a aparência de um 'feliz' aniversário" são experimentados apenas pela velha aniversariante.

Assinale agora a alternativa CORRETA:

a) Apenas a afirmativa I é verdadeira.

b) Apenas as afirmativas I e II são verdadeiras.

c) Apenas as afirmativas I e III são verdadeiras.

d) Apenas a afirmativa II é verdadeira.

e) Apenas a afirmativa III é verdadeira.

12 - (UFC CE)

1 Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber.

2 Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranqüila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.

3 Ao mesmo tempo que imaginário - era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dálias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega - era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.

4 As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.

5 Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo.

(LISPECTOR, Clarice. "Laços de Família". Rio de Janeiro: Sabiá, 1973, p.24-25)

No período "Era fascinante, e ela sentia nojo". (par.5), o uso da vírgula:

I. enfatiza semanticamente cada oração.

II. decorre de uma relação de alternância entre as duas orações.

III. justifica-se por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes.

A análise das assertivas nos permite afirmar corretamente que:

a) apenas I é verdadeira.

b) apenas II é verdadeira.

c) I e II são verdadeiras.

d) II e III são verdadeiras.

e) I e III são verdadeiras.

Marque V ou F, conforme seja verdadeira ou falsa a explicação para o feminino da forma em destaque na frase "Os troncos eram percorridos por parasitas FOLHUDAS, o abraço era macio, colado". (par.3)

( ) subentende-se o substantivo feminino plantas.

( ) parasita é um substantivo comum de dois gêneros.

( ) na frase anterior, há palavras femininas, "dálias e tulipas".

A seqüência correta se encontra na alternativa:

a) V - F - F

b) V - V - F

c) V - F - V

d) F - V - V

e) V - V – V

No trecho "Mas TODAS AS PESADAS COISAS, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos (...)" (par.4), o segmento destacado constitui:

a) adjunto anteposto ao sujeito, para reforçar a presença da metáfora.

b) complemento deslocado da forma verbal VIA para chamar a atenção sobre ele.

c) aposto, para explicar o estado psicológico em que se encontrava a personagem.

d) objeto direto fora de sua posição normal, para enfatizar a noção adversativa de "Mas".

e) termo sem relação sintática com o resto do período para indicar pensamentos desordenados.

No texto, sinaliza-se oposição entre a vida e a morte. Assinale abaixo a passagem em que isto se evidencia.

a) "E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber." (par.1)

b) "Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos." (par.2)

c) "Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra." (par.4)

d) "Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O Jardim era tão bonito que ela teve medo do inferno." (par.4)

e) "Era quase noite agora e tudo parecia cheio, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-se com delícia". (par.5)

Marque a alternativa em que todas as características indicadas estão presentes no texto acima.

a) Cortes discursivos, digressões, comicidade.

b) Psicologismo, imagens paradoxais, cientificismo.

c) Construções comparativas, recursos gráficos, rejeição do lirismo.

d) Introspecção, relevância da sensibilidade, quebra da linearidade.

e) Coloquialismo, reações inesperadas, imitação de autores realistas.

13 - (ITA SP)

Miguilim espremia os olhos. Drelina e a Chica riam. Tomezinho tinha ido se esconder.

- Este nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim...

E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito.

- Olha, agora!

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãozinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto. Mãe esteve assim assustada; mas o senhor dizia que aquilo era do modo mesmo, só que Miguilim também carecia de usar óculos, dali por diante.

(João Guimarães Rosa. MANUELZÃO E MIGUILIM.)

Considere as seguintes afirmações sobre o trecho acima:

I. Na narrativa, transparece o universo infantil, captado pela ótica da criança.

II. Há o uso de recursos lingüísticos, como ritmo, rima e figuras de linguagem, que desfazem as fronteiras entre prosa e poesia.

III. A narrativa reporta ao mundo rústico do sertão pela ótica de um narrador externo à comunidade.

Está(ão) condizente(s) com o trecho:

a) apenas I.

b) apenas II.

c) I e II.

d) I e III.

e) II e III.

14 - (UFU MG)

Leia, atentamente, as seguintes afirmações sobre AUTO DO FRADE, de João Cabral de Melo Neto:

I. O texto pertence ao gênero dramático. Como o título indica, auto é uma peça breve.

II. A musicalidade, obtida por meio das rimas e do ritmo, pode caracterizar o texto como manifestação do gênero lírico.

III. Por conter elementos narrativos, como personagens e uma história, o texto ainda pode ser considerado como manifestação do gênero épico.

IV. O verso "Se já está morto. Se não dorme." possui oito sílabas poéticas, como este outro: "Não estamos todos aqui?".

V. Nestes pungentes versos: "Eu sei que no fim de tudo/um poço cego me fita", o poeta usou a figura prosopopéia.

Agora assinale a alternativa certa.

a) Estão corretas apenas as afirmativas I, II e III.

b) Estão corretas apenas as afirmativas I, IV e V.

c) Estão corretas apenas as afirmativas I, II e V.

d) Estão corretas apenas as afirmativas II, IV e V.

e) Todas as afirmativas estão corretas.

15 - (PUC SP)

O trecho a seguir é de "São Bernardo", de Graciliano Ramos. Leia-o com atenção.

O tique-taque do relógio diminui, os grilos começam a cantar. E Madalena surge no lado de lá da mesa. Digo baixinho:

–Madalena!

A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos.

Estou encostado à mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a toalha branca.

–Madalena...

A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a mestre Caetano. (...) Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião!

A toalha reaparece, mas não sei se é esta toalha sobre que tenho as mãos cruzadas ou a que estava aqui há cinco anos.

Rumor do vento, dos sapos, dos grilos. A porta do escritório abre-se de manso, os passos de seu Ribeiro afastam-se. Uma coruja pia na torre da igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos? Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo.

Agora seu Ribeiro está conversando com d. Glória no salão. Esqueço que eles me deixaram e que esta casa está quase deserta.(Cap.19)

Sobre o aspecto temporal do trecho anterior é correto afirmar que

a) o tempo da enunciação, momento em que o narrador-personagem escreve, evidencia que a objetividade é a dominante.

b) a duplicidade temporal, representada pelos tempos do enunciado e da enunciação, confunde memória e presente, objetividade e subjetividade.

c) o tempo do enunciado, os acontecimentos que ocorreram na vida do narrador-personagem, é que organiza a subjetividade.

d) a duplicidade temporal é decorrente da complexidade do assunto e da onisciência do narrador-personagem que tem clareza na ordenação e na explicação dos fatos.

e) o jogo do distanciamento e da aproximação temporal mostra fronteiras temporais bem demarcadas com a intenção de confundir o leitor.

16 - (ITA SP)

Assinale a melhor opção, considerando as seguintes asserções sobre Fabiano, personagem de "Vidas Secas", de Graciliano Ramos:

I. Devido às dificuldades pelas quais passou no sertão, tornou-se um homem rude, mandante da morte de vários inimigos seus.

II. Comparava-se, com orgulho, aos animais, pois era um homem errante que vivia fugindo da seca.

III. Sentia-se fraco para exigir seus direitos diante de patrões e autoridades, por isso não se considerava um homem, mas um bicho.

está(ão) correta(s):

a) Apenas a I.

b) Apenas a III.

c) I e II.

d) I e III.

e) II e III.

17 - (PUC RJ)

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

1 Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas pessoas sensatas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava ¢no diário com a gente - minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

2 Era a sério. §Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e

arquejada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? ¦Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

3 Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalcou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez nenhuma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia ¥esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beiço e bramou: "-Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" ©Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. ¨O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: - "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" ¥Ele só retornou o olhar em mim, e me £botou a bênção, com gesto me mandando para ¤trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo - a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

(Guimarães Rosa, J. FICÇÃO COMPLETA. Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 1994, p.409.)

O texto apresenta:

a) preocupação evidente com a realidade social das populações sertanejas marginalizadas.

b) narração focada na complexidade e na aparente gratuidade das ações humanas.

c) explicação determinista para o comportamento dos personagens.

d) posição ufanista diante da terra e do homem brasileiro, sendo este visto como um ser desbravador e heróico.

e) descrição detalhista das riquezas naturais caracterizadoras do ambiente enfocado.

Sobre o texto, só NÃO podemos dizer que:

a) apresenta cenário rural em que se percebem elementos arcaizantes.

b) possui narrador de primeira pessoa que se mostra consciente de que seu narrar provém da memória.

c) mostra, na figura feminina, traços da herança matriarcal.

d) pretende reproduzir o linguajar dos habitantes da região retratada.

e) desenha, com precisão, as características físicas, morais e psicológicas dos personagens.

Segundo o texto, na visão do menino:

a) a mãe era uma pessoa brava e enérgica; o pai, metódico e calado.

b) a mãe não aprovava a idéia de ver o marido levar o filho para caçadas e pescarias.

c) a mãe era a responsável pela saída do pai.

d) o pai o abandonou, porque não gostava dele.

e) era bom viajar com o pai, mas era melhor ficar no aconchego do lar.

18 - (UFRGS)

O personagem Riobaldo, de GRANDE SERTÃO: VEREDAS,

a) tem péssima pontaria, e por isso prefere lutar à faca com seus inimigos, alcançando fama de degolador cruel e inclemente.

b) desnuda sua sensibilidade feminina passo a passo, a partir da descoberta da atração física pelos outros jagunços.

c) indaga-se a fundo para saber se o pacto que fez com o Diabo tem valor ou não e se as guerras e os sofrimentos humanos têm origem na intervenção do Demônio.

d) ao derrotar Joca Ramiro e Medeiro Vaz, ganha a inimizade de Zé Bebelo, aliado dos dois anteriores e sócio de Hermógenes.

e) para ser reconhecido como líder pelos jagunços, é forçado a lutar com seu melhor amigo, apesar de saber que Diadorim tem uma reza que lhe dá corpo fechado.

19 - (PUCCamp SP)

Leia com atenção O seguinte fragmento de "A hora e vez de Augusto Matraga", de João Guimarães Rosa:

Então eles trouxeram, uma noite, muito à escondida, o padre, que o confessou e conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar.

- Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?

- Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...

E por ai a fora foi, com um sermão comprido, que acabou depondo o doente num desvencido torpor.

- Eu acho boa essa idéia de se mudar para longe, meu filho. Você não deve pensar mais na mulher, nem em vinganças. Entregue para Deus, e faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito!

- Fé eu tenho, fé eu peço, Padre...

- Você nunca trabalhou, não é? (...) Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.

Considerando o excerto dado, identifique a afirmação INCORRETA.

a) o tema do arrependimento verdadeiro, de que trata o padre, é expresso de modo muito abstrato, tal como atestam as frases "O Reino do Céu ninguém tira da sua algibeira" e "esta vida é um dia de capina com sol quente".

b) Socorrido por um casal de pretos, e escapando por milagre à morte, Matraga seguirá todos os conselhos do padre, trabalhando, penitenciando-se, rezando, até que chega o momento em que emprega sua força a serviço de Deus e em defesa dos mais fracos.

c) A frase "Deus mede a espora pela rédea e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum" revela a identificação da linguagem do padre com a dos sertanejos - tal como nesta se inspirou o autor para criar o seu estilo inconfundível.

d) A fala do padre é profética, pois é "um pedaço bom de alegria" o que Matraga viverá em seus instantes finais, cheio da "graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito".

e) Da conversa com o padre, Matraga retirará força e inspiração para seguir vivendo, certo de que, apesar de "entortada no verde", sua vida se acertaria e ele iria para o céu, nem que fosse "a porrete".

Reflita sobre as seguintes afirmações:

I. Tal como ocorre nos demais contos de SAGARANA, João Guimarães Rosa centraliza neste a prática popular da fé cristã, encarnada aqui num Augusto Matraga renascido, que viverá o resto de sua vida no trabalho humilde e penitente, para além do heroísmo e da violência.

II. Neste conto, como em todos de SAGARANA, a linguagem do autor promove uma autêntica fusão entre o que é abstrato e o que é concreto, tal como aqui ocorre na fala do padre, em que os valores religiosos se enraízam no cotidiano sertanejo.

III. A "hora e vez" de que fala o padre vai-se concretizar, neste conto, num ato de fé e de bravura do protagonista contra um inimigo poderoso, o que lembra o clímax de dois outros contos do livro: "São Marcos" e "Corpo fechado".

É correto afirmar que

a) apenas II é verdadeira.

b) apenas III é verdadeira.

c) apenas I e III são verdadeiras.

d) apenas II e III são verdadeiras.

e) I, II e III são verdadeiras.

20 - (ITA SP)

Indique a alternativa em que há erro quanto ao proposto:

A literatura brasileira tem assunto que se repete em obras diversas':

a) Vida na cidade: 'Casa de Pensão' e 'Senhora'.

b) Ciclo da cana-de-açúcar: 'Usina' e 'Bangüê'.

c) Vida ligada ao cacau: 'Sagarana' e 'A Bagaceira'.

d) Problemática social: 'Os Sertões' e 'Canaã'.

e) O herói picaresco: 'Memórias de um Sargento de Milícias' e 'O Grande Mentecapto'.

21 - (FUVEST SP)

O verso "Só se estivesse alienado", que funciona como um refrão no "Romance LXXIII ou da inconformada Marília", registra a reação desta personagem do "Romanceiro da Inconfidência" à informação de que:

a) seu amado, o inconfidente e poeta Cláudio Manuel da Costa, se suicidara na prisão.

b) seu primo-irmão, o inconfidente Joaquim Silvério dos Reis, traíra os companheiros de conjura, delatando-os.

c) seu noivo, o poeta e inconfidente Tomás Antônio Gonzaga, se casara em África.

d) seu prometido, o árcade e inconfidente Dirceu, se suicidara na prisão.

e) seu companheiro na Inconfidência, o alferes Tiradentes, assumira sozinho toda a culpa da conjuração.

22 - (FUVEST SP)

"Será que eu enriqueceria este relato se usasse alguns difíceis termos técnicos? Mas aí que está: esta história não tem nenhuma técnica, nem de estilo, ela é ao deus-dará. Eu que também não mancharia por nada deste mundo com palavras brilhantes e falsas uma vida parca como a da datilógrafia."

(CLARICE LISPECTOR, 'A Hora da Estrela')

Em A Hora da estrela, o narrador questiona-se quanto ao modo e, até, à possibilidade de narrar a história. De acordo com o trecho acima, isso deriva do fato de ser ele um narrador

a) iniciante, que não domina as técnicas necessárias ao relato literário.

c) pós-moderno, para quem as preocupações de estilo são ultrapassadas.

c) impessoal, que aspira a um grau de objetividade máxima no relato.

d) objetivista, que se preocupa apenas com a precisão técnica do relato.

e) autocrítico, que percebe a inadequação de um estilo sofisticado para narrar a vida popular.

23 - (PUC PR)

A respeito de Bagagem, de Adélia Prado, é correto afirmar:

a) O título do livro faz referência às conquistas formais acumuladas pela autora desde sua estréia até esta obra, publicada no final da década de 90.

b) Para Adélia Prado, a poesia pode brotar tanto das manifestações que arrebatam o espírito como do dia-a-dia mais prosaico.

c) A linguagem oralizante é recurso freqüente, podendo ser exemplificada pelos versos seguintes: "Louvado sejas, porque eu quero pecar / contra o afinal sítio aprazível dos mortos".

d) A solidão é um motivo poético constante: isolada da família e da sociedade, a poeta lamenta sua falta de participação na vida da comunidade.

e) A autora recupera valores importantes da estética romântica, como, por exemplo, a temática do amor não correspondido e a idealização do ser amado.

24 - (PUC MG)

Vários dos contos reunidos em *Laços de Família* enfocam ora o estreitamento, às vezes até sufocante, das relações familiares, ora sua ruptura, justificando assim o título da obra.

Em todas as alternativas, há uma justificativa adequada para o título da obra, **EXCETO**:

a) A ligação entre a protagonista e seu pai, representado pelo búfalo, em "O búfalo".

b) A reunião dos parentes no aniversário de Anita, em "Feliz aniversário".

c) O efeito do esbarrão entre Ana e sua mãe, em "Os laços de família".

d) O desligamento entre Carlota e seu marido, no final de "A imitação da rosa".

25 - (PUC MG)

"O texto de Clarice Lispector costuma apresentar ilusória facilidade. Seu vocabulário é simples, as imagens voltam-se para animais e plantas, quando não para objetos domésticos e situações da vida

diária, com freqüência numa voltagem de intenso lirismo. Mas não se engane o leitor. Em poucas linhas será posto em contato com um mundo em que o insólito acontece e invade o cotidiano mais costumeiro, minando e corroendo a repetição monótona do universo de homens e mulheres de classe média ou mesmo o de seres marginais."

(Lúcia Helena)

Em todas as alternativas, há uma associação correta entre os contos de Laços de Família e os aspectos apontados no comentário lido, EXCETO:

a) "Mistério em São Cristóvão" e "O crime do professor de matemática" envolvem imagens de animais e/ou plantas.

b) "O búfalo" e "O jantar" enfocam o universo de seres marginais.

c) "Preciosidade" e "Uma galinha" flagram situações da vida diária.

d) "Amor" e "A imitação da rosa" mostram o insólito minando e corroendo a monotonia da vida de mulheres de classe média.

26 - (UFPel RS)

Da obra "A morte e a morte de Quincas Berro D'água" foi extraído o seguinte trecho, no qual o protagonista é comunicado pela filha sobre as intenções de Leonardo, o futuro genro:

"[...] Ela lhe comunicara a próxima visita de Leonardo, afinal resolvido a solicitar-lhe a mão [...].

- Pobre coitado...

Vanda não admitia críticas ao noivo:

- Pobre coitado, por quê? É de boa família, está bem empregado, não é de bebedeiras e deboches...

- Sei disso... sei disso... Estava pensando em outra coisa."

AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro D'água** [ilustrações de Floriano Teixeira]. Rio de Janeiro: Record, 2003.

A “outra coisa” a que a personagem se refere é

a) a busca das características de Otacília na personalidade de Vanda, algo destacado conscientemente por Leonardo.

b) a possibilidade de Leonardo repetir a trajetória de Joaquim.

c) a crítica da família às bebedeiras constantes de Joaquim.

d) o desconforto da filha com a conduta boêmia de Quincas.

e) o duelo de personalidades Joaquim/Quincas que, já naquele momento, tornava sua postura totalmente repreensível pela família.

27 - (UEM PR)

Com relação a Lygia Fagundes Telles e aos contos de Antes do baile verde, assinale a alternativa **correta**.

a) A ficção produzida por Lygia Fagundes Telles é classificada pela crítica como "prosa urbana". Trata-se de uma obra cuja temática gira em torno de tópicos como a desumanidade, a violência, a solidão, a marginalização, o vazio associado à vida moderna, a luta de classes, além de outros aspectos que caracterizam o cotidiano das grandes metrópoles.

b) O conto "Os objetos" gira em torno de uma situação emblemática da pós-modernidade: inspirado na técnica cinematográfica, a narrativa construída por meio da fragmentação enfoca a falta de sentido do culto que o homem contemporâneo rende a certos objetos e hábitos.

c) O conto "Apenas um saxofone" foge à temática recorrente na ficção de Lygia Fagundes Telles – o triângulo amoroso e o relacionamento conjugal – para se centrar no tema da prostituição e da ascensão social, em uma espécie de retomada das narrativas românticas típicas do século XIX.

d) O conto "Eu era mudo e só" qualifica-se como "prosa intimista", estilo predominante na ficção de Lygia Fagundes Telles, caracterizado pela observação psicológica das personagens, pela introspecção e pelo entrelaçamento do lirismo com o realismo, à moda de Clarice Lispector.

e) O conto "As pérolas" qualifica-se como um típico exemplo da "prosa política", uma das vertentes da literatura brasileira contemporânea que, para contornar a ação da censura durante a ditadura militar, vale-se de estratégias narrativas como a do "realismo mágico", cujo objetivo é enfocar uma situação absurda que reflita metaforicamente a situação do país.

28 - (UCS RS)

Com relação à obra Música ao longe, de Érico Veríssimo, assinale a alternativa em que a correspondência entre o personagem e o comentário está **INCORRETA**.

a) Amâncio, viciado em drogas.

b) Dona Zezé, sempre voltada para o passado.

c) Vasco, rapaz de aspecto selvagem.

d) Cleonice, casada após um noivado de doze anos.

e) João de Deus, estancieiro arruinado, pai de Clarissa.

29 - (UNIOESTE PR)

Assinale a alternativa que está INCORRETA por NÃO ter sido transcrita do conto *O burrinho pedrês,* de João Guimarães Rosa:

a) "Em cima dele [do burrinho] morrera um tropeiro do Indaiá, baleado pelas costas. Trouxera, um dia, do pasto [...] uma jararacussú, pendurada do focinho, como linda tromba negra com diagonais amarelas, da qual não morreu porque a lua era boa e o benzedor acudiu pronto."

b) "Seu Vadico, filho do Seu Neco Borges, quando fica sabendo que Calundú, aluado do juízo, botara p'ra fora com uma chifrada os bofes do vaqueiro Leofredo, seu grande amigo, implora ao pai que mate o Calundú ..."

c) "Eu só queria poder sentar agora, um tiquinho, naquela canastra de couro, que tem lá no rancho de minha mãe... Queria só ver, de longe, a minha mãezinha, que deve de estar batendo feijão, lá no fundo do quintal!..."

d) "E João Manico conteve a cavalgadura, e disse: - Eu não entro! A modo e coisa que esse passarinho ou veio ficar aqui para dar aviso para mim, que também sou João, ou então ele está mas é agourando... Para mim, de noite, tudo quanto há agoura!"

e) "Noite feia! Até hoje ainda é falada a grande enchente da Fome, com oito vaqueiros mortos, indo córrego abaixo, de costas – porque só as mulheres é que o rio costuma conduzir de bruços..."

30 - (PUC RS)

Com _____, em _____, de Simões Lopes Neto, e com _____, em _____, de João Guimarães Rosa, o caráter tradicional do regionalismo torna-se ultrapassado, graças à perfeita harmonia entre o tema das obras e a recriação da linguagem _____.

As lacunas podem ser correta e respectivamente preenchidas por:

a) Riobaldo – Grande sertão: veredas – Blau Nunes – Contos gauchescos – oral.

b) Romualdo – Contos gauchescos – Riobaldo – Sagarana – oral.

c) Blau Nunes – Lendas do sul – Diadorim – Grande sertão: veredas – popular.

d) Blau Nunes – Contos gauchescos – Riobaldo – Grande sertão: veredas – oral.

e) Romualdo – Lendas do sul – Riobaldo – Sagarana – popular.

31 - (UEM PR)

Com relação a Clarice Lispector e ao conto “Os laços de família”, assinale a alternativa incorreta.

a) O conto põe em discussão a questão do caráter institucional da família, cujo padrão de relacionamento restringe o poder de ação do indivíduo que se submete a rituais de convivência preestabelecidos, muitas vezes artificiais. Um exemplo é o da despedida entre a sogra e o genro (que não têm boas relações entre si), em que ambos repetem frases clichês como “Perdoe alguma palavra mal dita”.

b) Como é recorrente nas narrativas de Clarice Lispector, também na trajetória da protagonista de “Os laços de família” ocorre o que a crítica tem chamado de epifania: uma espécie de revelação súbita, provocada por um fato banal, simples e/ou inesperado. A freada do táxi faz que mãe e filha se toquem breve, mas intensamente. Esse contato físico desencadeia na filha uma outra visão em relação à mãe, visão que, conseqüentemente, vai influir na intensidade do encontro com o filho, quando ela volta para casa.

c) Como é comum nas narrativas de Clarice Lispector, também no conto “Os laços de família” está presente o discurso indireto livre, em que a fala ou o pensamento das personagens se mistura com a do narrador, como se pode verificar nesse trecho: “Por que andava ela tão forte, segurando a mão da criança? Pela janela via sua mulher prendendo com força a mão da criança (...)”.

d) Na maioria das narrativas de Clarice Lispector integrantes da coletânea Laços de família, o processo de descoberta individual (epifania) por que passam as personagens não implica a solução dos problemas revelados, mas a instauração de um conflito, que, antes, era latente. No

conto “Os laços de família”, todavia, a protagonista, após se conscientizar da artificialidade que rege a convivência familiar, rompe com aquele estado de coisas, desvencilhando-se definitivamente dos “laços” que lhe tolhiam a individualidade, pegando seus pertences e abandonando esse lar opressor.

e) No que concerne ao modo de construção da relação marido-mulher, o conto põe em evidência a questão da dominação e do poder masculinos: o marido é o provedor e o comandante da família, de modo que tem ascendência sobre a mulher e sobre o filho. O ato de rebeldia dela, ao sair inesperadamente para passear com o menino, desestrutura, ainda que momentaneamente, tal poder.

32 - (PUC MG)

Sobre o romance *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, a afirmativa INCORRETA é:

a) A voz narrativa usa de ironia para satirizar a literatura tradicional.

b) O narrador Rodrigo S.M. faz freqüentes reflexões metalingüísticas.

c) A invisibilidade social é bastante abordada no livro, principalmente através da personagem Macabéa.

d) A protagonista é Macabéa, uma nordestina, ingênua, que consegue ascender socialmente graças a uma grande oportunidade de trabalho.

33 - (UEMG)

Assinale a alternativa em que se apontou CORRETAMENTE uma característica comum da linguagem apresentada nas obras *“Viagem”* e *“Vaga música”*, de Cecília Meireles, e *“O recado do morro”*, de Guimarães Rosa.

a) Tendência contínua a termos próprios da oralidade

b) Utilização de efeitos sonoros nas palavras

c) Aversão radical ao vocabulário culto

d) Opção deliberada pelo uso de termos arcaicos

34 - (UFMA)

Assinale a alternativa em que se encontram presentes as associações de idéias diretamente relacionadas com a temática do poema “O cão sem plumas”, de João Cabral de Melo Neto.

a) O rio é como um cão sem plumas que é como uma árvore sem voz que é como um pássaro com suas raízes no ar.

b) A cidade é fecundada pela espada que é fecundada pelo mar que é fecundado pelo cão sem plumas.

c) O mar é como uma bandeira que tem dentes, assim como o mangue é como o rio de água limpa, sem lama.

d) A maçã é espessa como o rio é espesso e desemboca límpido no mar.

e) A fruta é trespassada pela espada que trespassa a língua mansa do cão de ventre alegre e brilhante.

35 - (UNIMONTES MG)

A respeito da obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, é INCORRETO afirmar que

a) o protagonista do romance se revela uma criança melancólica e solitária, que passa horas caçando passarinhos.

b) o avô José Paulino, no retrato elaborado pelo neto, aparece de forma idealizadora e imponente no romance.

c) a doença venérea contraída por Carlinhos é ostentada no Engenho como símbolo de masculinidade e poder.

d) a morte da mãe pelo pai de Carlinhos, vivenciada por ele, influencia a linguagem da obra, marcada pelo tom ácido e corrosivo.

36 - (UNIMONTES MG)

O nono conto da obra *Sagarana*, “A Hora e Vez de Augusto Matraga”, é uma espécie de história épica, trazendo as marcas da dramaticidade e do heroísmo às avessas. Assinale a alternativa INCORRETA a respeito dessa narrativa rosiana.

a) Os vários nomes dados ao protagonista do conto indicam a travessia múltipla de um homem que vai ao encontro do seu destino.

b) O percurso de Augusto Matraga na história é construído na dor, no encontro com o sagrado e no contato com o mundano.

c) A realidade insinua-se no corpo da própria narrativa, quando o seu narrador admite que a história relatada foi presenciada por ele.

d) O início do conto alude à poeira, ao pó, elementos que lembram o mundo rude e áspero anteriormente dominado por Matraga.

37 - (UFT TO)

Quando criança, eu adorava acompanhar meu pai, que era Juiz de Paz da região, em suas andanças pelos sítios, fazendas e povoados, fazendo gambiras, politicando, ou até mesmo realizando casamentos. Sempre fui um apaixonado pela natureza. Aquela mata virgem verdinha, verdinha. O alvoroço da bicharada ao nascer do sol. A maravilhosa sinfonia executada pelos passarinhos, ao entardecer. As corredeiras dos pequenos ribeirões, contrárias ao cardume de piabas e lambaris saltitantes, no período da piracema. Naquele meu mundo, tudo me fascinava.

Lembro-me de uma certa vez, em que eu o acompanhei numa viagem à fazenda do seu tio Teófilo, lá pelas bandas do Rio Claro, um dos mais famosos garimpos de diamante e ouro do Mato Grosso goiano. Como de sempre, ia conosco o negro Severino, homenzarrão de muita marca de bexiga na cara e de pouca vontade de conversar. Tinha chegado há muito tempo nessa região, vindo do norte de Goiás, mais precisamente das barrancas do rio Paranã, pois era descendente dos quilombolas, escravos que, na época do flagelo e da vergonha da escravatura, fugiam da Bahia e formavam comunidades no vasto e inexplorado sertão goiano.

Odir Rocha, in **Auscultando a Vida**.

Com base na leitura, indique a alternativa INCORRETA:

a) Pela temática apresentada percebe-se que Odir Rocha é um escritor preocupado, principalmente, com os problemas psicológicos do homem, continuando assim, uma tradição ficcional iniciada no século anterior por autores como Clarice Lispector e Octávio de Faria.

b) O coloquialismo da linguagem utilizada pelo autor tem por finalidade aproximar o texto literário da vida cotidiana, conferindo-lhe um alto teor de realismo.

c) Odir Rocha se inscreve na prosa tocantinense como um autor memorialista, que trata com carinho as reminiscências do passado.

d) O autor demonstrou preocupação com as situações do homem comum, transformando-se em observador da paisagem natural e conhecedor da história local e da vida do interior.

38 - (UDESC SC)

Relacione as duas colunas, pautando as características dos personagens da obra *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo.

(1) Valentina

(2) João Paz

(3) Vitório Natal

(4) Vivaldino Brazão

(5) Antônio Augusto Mendes

(6) Filadélfia

( ) Um dos rapazes mais adulados da cidade. Tem gestos adamados e usa calças Lee apertadas.

( ) Aparenta uns 48 anos, estatura abaixo da mediana, duma gordura musculosa muito encontradiça em motoristas de caminhões de carga. Orquidófilo amador.

( ) “Perturbadora”; ...balzaquiana sem nenhuma dúvida; ... “pantera açaimada” ...gosta de música barroca, de música folclórica, de música popular, desde o samba de gafieira até o rock n roll.

( ) ... descendente de família antarense tradicional, casada com um coletor federal aposentado... a mais notória cleptômana municipal.

( ) Jovem inteligente e idealista. Foi torturado e assassinado na cadeia municipal pelos carrascos do delegado Inocêncio Pigarço.

( ) Secretário da prefeitura, um trintão alto, magro meio curvado, o rosto amarelento picado de marcas de bexiga... Tinha política no sangue, sonhava com uma deputação... .

Assinale a alternativa que contém a seqüência correta, de cima para baixo.

a) 3 4 6 1 2 5

b) 2 4 1 6 3 5

c) 2 3 1 6 5 4

d) 3 5 6 1 2 4

e) 3 4 1 6 2 5

39 - (UESPI)

Publicado em 1979, *Os Irmãos Quixaba*, de William Palha Dias, é um romance do qual podemos assinalar as seguintes características:

1. A obra se passa no sertão do Piauí, mas seus personagens, em totalidade, pertencem à aristocracia sertaneja.
2. O romance se passa nos anos 40 e 50 do século XX.
3. Encontramos passagens em que a linguagem recorre aos jargões do mundo jurídico, particularmente ao Código Penal.
4. A estória é contada em capítulos interdependentes, como se fossem contos, sem ordem cronológica e usando os recursos formais das vanguardas do princípio do século XX.
5. *Os Irmãos Quixaba* é uma obra que denuncia os problemas sociais do sertão.

Estão corretas apenas:

a) 1, 2 e 3

b) 2, 3 e 5

c) 3, 4 e 5

d) 2, 4 e 5

e) 1, 2 e 4

40 - (UESPI)

Do livro de Julio Romão da Silva, *A Mensagem dos Salmos* (1967), depreende-se as informações abaixo.

1. O livro é um poema religioso ou uma oração, caracterizada por um duplo ritmo, o das palavras e o das idéias.
2. É uma peça escrita para teatro, descolada de todo aparato cênico e baseada no poder da palavra.
3. Apresenta uma enorme quantidade de personagens que conviveram com Jesus na sua passagem pelo mundo.
4. Defende intenções morais, religiosas e filosóficas que apontam para a precariedade da condição humana.

Estão corretas:

a) 1 e 2 apenas

b) 3 e 4 apenas

c) 1, 2 e 3 apenas

d) 1, 2, 3 e 4

e) 1, 2 e 4 apenas

41 - (UNIOESTE PR)

Com base nos contos *Teresa*, de Rubem Fonseca, e *Feliz aniversário*, de Clarice Lispector, assinale a alternativa INCORRETA.

a) *Feliz aniversário* é um conto extremamente feminista**,** no qual Zilda, a filha da aniversariante, decide rebelar-se contra seu papel de filha submissa.

b) No conto *Feliz aniversário*, após um evento revelador que abala a família, as personagens voltam ao mundo banalizado, circunscrito às forças rituais do cotidiano.

c) O conto *Feliz aniversário* revela evidente desarmonia entre os membros da família.

d) A personagem Teresa, do conto homônimo, após a morte do marido, é vítima da crueldade e da ganância dos enteados.

e) No conto *Teresa*, o personagem narrador, assassino profissional, mata os enteados da velha senhora.

42 - (UFG GO)

Leia os fragmentos do poema "À beira de teu corpo", do livro *Nova antologia poética*, de Afonso Felix de Sousa.

À beira de teu corpo

I

À beira de teu corpo eu busco, e alcanço-a, e agarro-a,

a mão que, de onde estás, já não me estendes, a mão

que em criança, com toda a confiança, me estendias.

E então, de mãos dadas, saíamos pelo mundo

com que te deslumbravas e eu ia aos poucos

tentando explicar, a ti que o contemplavas

com os olhos arregalados, e o colorias

a teu modo, com tintas próprias, e te soltavas

[...]

II

[...]

Tento fechar tua boca, cobrir teus dentes

que tanto amavam morder os quitutes do mundo,

deste mundo que com ternura mas mordaz olhavas

e em vão à tua maneira refazias.

SOUSA, Afonso Felix de. *Nova antologia poética*. Goiânia: Cegraf/UFG, 1991. p. 160-61.

Esse poema e o conto "Ainda resiste", da coletânea *O leopardo é um animal delicado*, de Marina Colasanti, tematizam a ausência do filho. Essa ausência está associada, respectivamente, para o pai, no poema, e para a mãe, no conto, à

a) angústia do presente e à memória de conflitos do passado.

b) incompreensão diante da morte e à indignação pelo abandono do filho.

c) quebra de expectativas e à falta de solidariedade da família.

d) solidão diante da perda e à dor pelo afastamento sem contato.

e) presentificação do passado e à ilusão do retorno do filho.

43 - (UEG GO)

Em 2008, foram comemorados os 50 anos da Bossa Nova. A realidade brasileira em 1958 era de grande efervescência cultural, e a Bossa Nova pode ser considerada um movimento musical essencialmente urbano, assim como o enredo do romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector. Sobre esse assunto, é CORRETO afirmar:

a) A Bossa Nova pode ser considerada um dos movimentos musicais mais importantes da cultura brasileira, mesmo que não tenha realizado uma síntese entre a cadência do samba e o jazz americano.

b) A época da Bossa Nova é um período singular na realidade do país. O Brasil comemora a conquista da Copa de 58, a chegada do fusca e a construção de Brasília.

c) Narram-se, na obra, momentos em que Lóri e Ulisses vão a barzinhos cariocas, local em que, enquanto namoram, ouvem músicas que compõem o repertório musical da Bossa Nova.

d) No romance, Lóri mora na cidade grande e não tem quaisquer vínculos com um contexto agrário, seja em seu passado, seja no presente da narrativa.

44 - (UEPB)

Leia os fragmentos 1 e 2, abaixo, e analise o que se afirma sobre eles em seguida.

1. "O meu nome é Severino,/não tenho outro de pia./Como há muitos Severinos,/que é santo de romaria,/deram então de me chamar/ Severino de Maria [...] Somos muitos Severinos/iguais em tudo na vida" (seis primeiros versos do poema *Morte e vida severina*)

2. "[...] E aqui arribou, onde havia tantos outros, Rosálios, chegados pelas mesmas veredas, macambúzios, revestidos de cinzenta tristeza [...]" (*O vôo da guará vermelha*. p. 12)

A leitura dos fragmentos permite o leitor perceber

I. que ambos convergem para um mesmo ponto semântico: a aproximação entre Severino e Rosálio, que, pelo nome, comum ou adotado de uma "linhagem sem precedentes", enfatiza um sujeito social sem grande "função", espécie de "peso morto", aparentemente vivendo à revelia dos prazeres, uma vez que a prioridade na vida de ambos é a sobrevivência.

II. que, diferentemente de Severino, Rosálio sobrepõe-se à mera atividade funcional por ele desenvolvida, porque encontra alimento para o seu espírito no "prazer de ler", e somente isso na vida lhe basta.

III. que Severino, assim como Rosálio, encontra nas tradições culturais de sua comunidade respostas para uma vida melhor, daí migrar do interior para centros urbanos mais desenvolvidos, onde, à custa de bastante sacrifício, encontra uma forma de viver dignamente.

É(São) correto(s) apenas:

a) I e III

b) II

c) III

d) I

e) II e III

45 - (UERGS RS)

Assinale V para Verdadeiro e F para Falso, em relação a “O Tempo e o Vento”.

( ) Os capítulos “O Sobrado”, “Ana Terra” e “Um certo Capitão Rodrigo”, além de outros, integram a primeira parte da obra, denominada “O Continente”.

( ) Em “O Retrato”, segunda parte da obra, a duração do tempo é mais limitada, e a história desenvolve-se entre meados de 1909 até meados de 1915.

( ) O personagem Toríbio Cambará é apresentado na obra como um homem fraco, sem qualquer ligação com a sua terra e com as tradições.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) V – V – V

b) F – F – F

c) V – F – V

d) V – V – F

e) F – F – V

46 - (PUC RS)

Sobre o romance Capitães de areia, de Jorge Amado, NÃO é correto afirmar que

a) essa obra se constitui como um retrato da burguesia baiana.

b) é uma narrativa de cunho realista, que descreve o cotidiano do grupo dos “capitães da areia” e seus expedientes para arranjar alimento e dinheiro.

c) os “capitães da areia” formam um grupo de cerca de cem crianças que moram num trapiche abandonado.

d) o narrador mostra o problema dos “capitães da areia” e da sociedade local, que os trata como delinquentes.

e) o romance supervaloriza a humanidade das crianças e ironiza a ganância e o egoísmo das classes dominantes.

47 - (UFT TO)

Sobre o Modernismo brasileiro, procure relacionar gerações, autores, obras e personagens. Assinale apenas a INCORRETA.

a) Pertencendo à 2ª geração modernista, denominada como Neo-Realista, Geração de 30, entre outros designativos, Graciliano Ramos é, reconhecidamente, um dos grandes escritores da literatura brasileira. Publicou a obra *São Bernardo* cujo personagem central é Paulo Honório.

b) João Cabral de Mello Neto está inserido, cronologicamente, na 3ª geração modernista, mas dela distancia-se pela particularidade de sua poética. Sua obra mais conhecida pelo grande público é Morte e Vida Severina, mas também é autor de O Cão sem Plumas e O Rio, concebidas como uma trilogia e têm como temática central o homem nordestino.

c) Mário de Andrade e Oswald de Andrade, literatos articuladores da Semana de Arte Moderna, publicaram entre outras obras, Macunaíma e Memórias Sentimentais de João Miramar, respectivamente.

d) João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, nomes referenciais da 3ª Geração modernista, publicaram obras que os tornaram consagrados na literatura brasileira. Inauguraram o que passou a ser chamada de prosa poética. Guimarães Rosa mudou o conceito de sertão e jagunço com sua obra Os sertões e Clarice Lispector mergulha no mundo íntimo, mostrando as tensões existenciais. Surpreende a crítica, com Perto do coração selvagem.

48 - (UESPI)

O Vampiro de Curitiba, de Dalton Trevisan, foi publicado em 1965 e, desde então, consagrou o seu autor como um dos grandes escritores brasileiros da segunda metade do século passado. Ainda sobre essa obra consagradora, podemos afirmar:

a) o protagonista principal — Nelsinho — só se interessa por adolescentes e jovens do sexo masculino.

b) a obra é constituída de vários contos que, em sua maioria, é narrado na 3ª pessoa.

c) Todos os contos se passam na cidade de Curitiba, particularmente nos seus subúrbios.

d) Os contos são ordenados em ordem cronológica, de modo que podemos acompanhar a passagem dos anos do protagonista.

e) Os contos se valem de uma linguagem erudita e de um vocabulário castiço.

49 - (UESPI)

Os Irmãos Quixaba, de William Palha Dias, foi publicado em 1979. Romance de temática fortemente regional, a obra se passa no sertão do Piauí. Ainda sobre esse romance, podemos assinalar como correto:

a) apesar da formação jurídica do autor, ele não recorre aos seus conhecimentos de Direito para compor sua obra.

b) o romance se passa nas duas primeiras décadas do século XX, na cidade de Guadalupe, no Piauí.

c) o romance versa sobre a relação incestuosa dos irmãos Alexandre e Margarida Quixaba, acusados de matar o próprio filho.

d) a estória lança mão de recursos da literatura de vanguarda: o fluxo de consciência, a ausência de pontuação e a narrativa simultânea.

e) a obra é composta em dois longos capítulos. No primeiro, a relação do homem com a natureza; no segundo, a transformação da natureza pelo homem.

50 - (UNIOESTE PR)

Com base no romance *Memorial de Maria Moura,* de Rachel de Queiroz, assinale a alternativa INCORRETA.

a) Três homens exercem forte atração sobre Maria Moura: o padrasto Liberato, o primo "bastardo" Duarte e seu protegido Cirino.

b) No romance como um todo há um convívio pacífico e sem preconceito entre brancos e negros, propiciando as relações matrimoniais.

c) Maria Moura atravessa os limites que separam masculino e feminino: veste-se como homem, corta os cabelos e anda armada.

d) O relacionamento entre Maria Moura e Duarte reproduz, às avessas, o modelo comum de relacionamento entre os senhores brancos e mulheres negras na sociedade escravocrata.

e) Valentim, ao assassinar Cirino, violenta seus princípios para garantir o futuro de seu filho.

51 - (PUC SP)

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi dessa época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche.

O trecho acima é do romance **Capitães da Areia** que, escrito em 1937, se inscreve entre os "romances proletários" de Jorge Amado. Considerando-o como um todo, é correto afirmar que

a) destaca e exalta o tema da infância abandonada e delinquente, incentivada pelos interesses da imprensa local e admitida pelas autoridades policiais, caracterizando um cotidiano de ações marginais capazes de transtornar a sociedade baiana da época.

b) consubstancia o percurso de aprendizagem do herói que supera a condição de origem e eleva o protagonista ao plano histórico do confronto social e político.

c) a mãe de santo e o padre progressista, personagens do romance, ainda que pudessem representar a convergência sincrética de forças protetoras e elementos capazes de minimizar a orfandade dos Capitães, nada conseguem porque não têm influência sobre o bando.

d) a prisão e a tortura de Pedro Bala no reformatório, confinado no cubículo escuro da cafua, apenas intensificam seu instinto de violência e a necessidade de vingança contra a sociedade.

e) Pedro Bala, líder dos Capitães, ao final, vê-se derrotado no intento de realizar seu sonho de transformação social e é literalmente abandonado pelos demais porque Volta Seca junta-se ao bando de Lampião, Professor vai ser artista na capital, Pirulito ingressa na vida religiosa, Boa Vida torna-se sambista e o Gato adere à marginalidade em Ilhéus.

52 - (UFSM RS)

Com respeito a algumas obras de ficção urbana brasileira publicadas no século XX, assinale a alternativa correta.

a) O modernismo dos primeiros anos produziu duas obras que abriram caminho para a representação de outras metrópoles na constituição do espaço ficcional. Trata-se dos contos de Mário de Andrade reunidos em Brás, Bexiga e Barra Funda e de Amar, verbo intransitivo, romance de Oswald de Andrade - todos ambientados na capital paulista.

b) Dyonélio Machado e Érico Veríssimo precederam outros autores da geração de 1930 que se dedicaram à temática social urbana. O primeiro celebrizou-se com Os ratos; do segundo ficaram conhecidos os romances que integram o chamado "ciclo de Porto Alegre" (Clarissa, Música ao longe, Caminhos cruzados, Um lugar ao sol).

c) A partir de 1959, Dalton Trevisan apresentará uma Curitiba fantástica em seus textos minimalistas e bem-humorados, protagonizados por tipos da alta burguesia decadente.O vampiro de Curitiba, Novelas nada exemplares, Mistérios de Curitiba, Em busca de Curitiba perdida são algumas de suas coletâneas de contos.

d) Os tambores silenciosos, romance de Josué Guimarães, lança mão do realismo fantástico para ficcionalizar acontecimentos políticos dos anos 1930, numa Porto Alegre provinciana dominada por militares, prepostos e simpatizantes do Estado Novo.

e) Para ilustrar o problema atual da violência urbana, o cenário carioca volta à pauta em O matador, de Patrícia Melo, romance que narra em terceira pessoa a vida breve de um jovem nascido no subúrbio da metrópole: em decorrência de uma simples brincadeira, Máiquel envereda pelos caminhos sem retorno da criminalidade.

53 - (UFPR)

"Para que te servem essas unhas longas? Para te arranhar de morte para arrancar os teus espinhos mortais, responde o lobo do homem. Para que te serve essa cruel boca de fome? Para te morder e para soprar a fim de que eu não te doa demais, meu amor, já que tenho que te doer, eu sou o lobo inevitável, pois a vida me foi dada. Para que te servem essas mãos que ardem e prendem? Para ficarmos de mãos dadas, pois preciso tanto, tanto, tanto — uivaram os lobos, e olharam intimidados as próprias garras antes de se aconchegarem um no outro para amar e dormir."

(trecho do conto "Os desastres de Sofia", de Clarice Lispector, em *Felicidade clandestina*)

Considerando os contos de *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector, assinale a alternativa correta.

a) Em "Os desastres de Sofia", a relação de amor e ódio que se constrói entre professor e aluna se apresenta metaforizada na figura do lobo. A violência praticada pelo professor por meio dos falsos elogios à escrita da menina desencadeia a violência final da narrativa.

b) O reaproveitamento intertextual de personagens da literatura infantil é constante nos contos de *Felicidade clandestina*, como forma de representar a violência física e mental praticada por crianças e por adultos.

c) De forma intertextual, a narradora de "Restos de Carnaval" afirma que seu mundo interior, quando criança, "não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério", o que é mais um exemplo da densidade da representação da infância pela autora.

d) Se em "Os desastres de Sofia" a menina é punida pelo professor, em "Cem anos de perdão" a garota que rouba rosas e pitangas de casas ricas do Recife recebe o perdão do jardineiro e de um proprietário, o que desmerece a relação que ela tentara estabelecer entre crime e prazer.

e) O embate entre dois seres profundamente diferentes se observa no conto "Tentação", em que se encontram uma menina e um cachorro. As diferenças entre os seres, postas num primeiro plano na narrativa, frustram o desejo da criança de brincar com o cão.

54 - (UNEMAT MT)

Das narrativas contidas no livro *Sagarana,* de Guimarães Rosa, o conto "A Hora e a vez de Augusto Matraga" revela as raízes culturais brasileiras e colabora para o efeito de estranhamento, de compreensão textual e de comunicação, priorizando o desvelamento do *outro* culturalmente diferente, cuja influência é decisiva nas transformações do eu-narrador.

Nesse sentido, é **correto** afirmar.

a) O conto denuncia que o sistema coronelista do local, e já de tradição, mudaria completamente.

b) O processo de transformação da personagem principal denuncia um país bastante misturado e complexo.

c) A personagem Bem-Bem faz parte da modernização política brasileira de 1945.

d) Nhô Augusto anula a si mesmo em detrimento de Quim.

e) O narrador diferencia o trabalho humano do trabalho dos animais.

55 - (UNIRG TO)

Fragmento 1
(...)
Agora, porém, estava idoso, muito idoso. Tanto, que nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes. Era decrépito mesmo à distância: no algodão bruto do pelo – sementinhas escuras de rama rala e encardida; nos olhos remelentos, cor de bismuto, com pálpebras rosadas, quase sempre oclusas, em constante semi-sono; e na linha, fatigada e respeitável – uma horizontal perfeita, do começo da testa à raiz da cauda em pêndulo amplo, para cá, para lá, tangendo as moscas.
(...)

ROSA, João Guimarães. **Sagarana.**

Fragmento 2
(...)
Nove horas e trinta. Um cincerro tilinta. É um burrinho, que vem sozinho, puxando o carroção. Patas em marcha matemática, andar consciencioso e macio, ele chega, de sobremão. Para, no lugar justo onde tem de parar, e fecha imediatamente os olhos. Só depois é que o menino, que estava esperando, de cócoras grita: - "Íssia!..." – e pega-lhe na rédea e o faz volver esquerda, e recuar cinco passadas.
(...)

ROSA, João Guimarães. **Sagarana.**

Fragmento 3
Tapera de arraial. Ali, na beira do rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu.
Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para o arroz. E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar.
(...)

ROSA, João Guimarães. **Sagarana.**

Os fragmentos dos textos foram retirados do livro "Sagarana" de Guimarães Rosa. Os três fragmentos pertencem, respectivamente, aos seguintes contos/novelas:

a) O burrinho pedrês; Conversa de bois; Sarapalha.
b) O burrinho pedrês; A volta do marido pródigo; Sarapalha.
c) A volta do marido pródigo; O burrinho pedrês; Minha gente.
d) Conversa de bois; O burrinho pedrês; A volta do marido pródigo.

56 - (UNIRG TO)

A construção do título do livro "Sagarana" foi inventada pelo próprio autor e provém da junção de

a) 'saga‘ que quer dizer "em busca de", e 'rana‘ que significa uma "feição universalizante" do épico.
b) 'saga‘ palavra lúdica que se origina dos rapsodos gregos, e 'rana‘ nas canções de gesta medievais.
c) 'saga‘ origina-se do mito poético que situa a narrativa entre o real e o mágico, e 'rana‘ que alude ao ápice da existência.
d) 'saga‘ radical de origem germânica que significa "criação verbal a serviço do épico", e rana, do sufixo da língua indígena tupi, que significa "à maneira de".

57 - (PUC SP)

Em Capitães da Areia, romance de Jorge Amado, a frase que abre a narrativa é a mesma que a fecha:

Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem.

Sob a lua, num velho trapiche abandonado, eles levantam os braços. Estão em pé, o destino mudou.

Entre elas há um percurso narrativo no qual a vida das crianças sofreu significativas mudanças. Assim, indique, abaixo, a alternativa que contém ações que NÃO confirmam as referidas mudanças.

a) Os capitães da areia conseguem organizar-se porque são liderados por Pedro Bala, espécie de herói que supera a condição de marginal e se eleva ao plano histórico do confronto social e político.

b) O bando de meninos adquire força e supera as adversidades graças, também, à proteção que recebe da mãe-de-santo e do padre progressista.

c) Os capitães passam por transformações e dão uma finalidade política às artes da capoeira e do jogo de punhais e passam a ajudar na mudança do destino dos pobres.

d) As crianças, vítimas do fracasso das políticas sociais, encontram apoio para a mudança apenas no chefe de polícia e no juizado de menores.

e) As crianças, organizadas em grupo, formam uma brigada de choque e intervêm em comícios, em greves, em embates obreiros e, assim, por meio da luta, conseguem mudar seus destinos.

58 - (UCS RS)

Em se tratando de literatura gaúcha, destacam-se o papel de _____, criador do narrador Blau Nunes, um velho que conta com lucidez suas memórias; _____ pela criação de narrativa que conta a saga dos alemães que iniciaram o processo de colonização das terras gaúchas; e, mais recentemente, _____, que, por meio de seus romances, recria aspectos da imigração italiana na serra do Rio Grande do Sul.

Assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas acima.

a) Simões Lopes Neto – Josué Guimaraes – José Clemente Pozenato

b) Simões Lopes Neto – Luiz Antonio de Assis Brasil – Charles Kiefer

c) Moacyr Scliar – Charles Kiefer – José Clemente Pozenato

d) Josué Guimaraes – Érico Veríssimo – Luiz Antonio de Assis Brasil

e) Cyro Martins – Josué Guimaraes – Sérgio Faraco

TEXTO: 1 - Comum à questão: 59

As questões referem-se à passagem transcrita do conto “Famigerado” (Primeiras Estórias, 1962), de João Guimarães Rosa (1908-1967).

[...]

– “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: fasmisgerado... faz-megerado... falmisgeraldo... familhas-gerado...?

Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara com riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato. E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a palavra de ofensa àquele homem; que muito, pois, que aqui ele se famanasse, vindo para exigir-me, rosto a rosto, o fatal, a vexatória satisfação?

– “Saiba vosmecê que saí ind’hoje da Serra, que vim, sem parar, essas seis léguas, expresso direto pra mor de lhe preguntar a pregunta, pelo claro...”

Se sério, se era. Transiu-se-me.

“Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem tem o legítimo – o livro que aprende as palavras... É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias... Só se o padre, no São Ão, capaz, mas com padres não me dou: eles logo engambelam... A bem.

Agora, se me faz mercê, vosmecê me fale, no pau da peroba, no aperfeiçoado: o que é que é, o que já lhe perguntei?

Se simples. Se digo. Transfoi-se-me. Esses trizes:

Famigerado?

“Sim senhor...” – e, alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões da raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo – apertava-me. Tinha eu que descobrir a cara. – Famigerado? Habitei preâmbulos. Bem que eu me carecia noutro ínterim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até então, mumumudos. Mas, Damázio:

“Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho...”

Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o caroço: o verivérbio.

Famigerado é inóxio, é “célebre”, “notório”, “notável”...

“Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?”

Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

“Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?”

Famigerado? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...

Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?”

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!... “Ah, bem!...” – soltou, exultante.

(ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. 14. ed. Rio

de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 15-16.)

59 - (UEL PR)

Sobre os contos presentes em Primeiras Estórias (1962), de João Guimarães Rosa (1908-1967), considere as afirmativas a seguir.

I. Em “Os Irmãos Dagobé”, a norma, considerando-se os valores do sertão, seria o assassinato de Liojorge, uma vez que aí a vingança é a lei. Acontece que Liojorge não é assassinado, pois os irmãos sertanejos resolvem mudar de vida, optando pelos valores da cidade.

II. Em “Fatalidade”, a norma seria o assassinato de Herculião Socó, uma vez que a estória se passa no sertão. Zé Centeralfe prefere, no entanto, esquecer o acontecido, não chegando sequer a dirigir-se à delegacia de Amparo, onde certamente contaria com o auxílio da polícia.

III. No final do conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, a comunidade acompanha Sorôco a sua casa, assumindo o canto de loucura dele, canto este que foi por ele tomado da mãe louca, que, por sua vez, em ato de solidariedade, tomou-o da neta em estado de completo delírio. O canto une a comunidade.

IV. Em “A terceira margem do rio”, o sentimento de fracasso do filho deriva do fato de não ter amparado sua mãe no momento de infortúnio, deixando-a, juntamente com seus irmãos, à mercê do destino e de um padrasto cruel.

Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e II.

b) I e III.

c) II e IV.

d) I, III e IV.

e) II, III e IV.

TEXTO: 2 - Comum às questões: 60, 61

TEXTO 1

Dizes que beleza não é nada? Imagina um hipopótamo com alma de anjo...

Sim, ele poderá convencer os outros da sua angelitude — mas que trabalheira!

QUINTANA, Mario. *Caderno H.* Porto Alegre: Globo, 1987.

TEXTO 2

Botero, *Mulher a vestir o soutien*, 1976

Disponível em: <http://www2.ilch.uminho.pt/portaldealunos/Estudos/EPF/AH/TCH/P1/Ana%20Paula/Botero.htm>. Acesso em: 16 abr. 2008.

TEXTO 3

— usaria brincos? Hesitou, pois queria orelhas apenas delicadas e simples, alguma coisa modestamente nua, hesitou mais: riqueza ainda maior seria a de esconder com os cabelos as orelhas de corça e torná-las secretas, mas não resistiu: descobriu-as, esticando os cabelos para trás das orelhas incongruentes e pálidas: rainha egípcia?

Não, toda ornada como as mulheres bíblicas, e havia também algo em seus olhos pintados que dizia com melancolia: decifra-me, meu amor, ou serei obrigada a devorar, e agora pronta, vestida, o mais bonita quanto poderia chegar a sê-lo, vinha novamente a dúvida de ir ou não ao encontro com Ulisses [...].

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 17.

60 - (UEG GO)

Com relação ao trecho citado no texto 3 e à obra *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, é CORRETO afirmar:

a) a personagem Lóri assemelha-se, no aspecto físico e psicológico, às heroínas dos romances românticos brasileiros.

b) Ulisses, como o conhecido personagem Macunaíma, de Mário de Andrade, é um herói às avessas no romance.

c) o trecho citado faz parte do rito que antecede, minutos antes, a descoberta do amor, do sexo e do prazer entre os protagonistas do romance.

d) a passagem “decifra-me, meu amor, ou serei obrigada a devorar” é exemplar do diálogo com a tradição literária, que se faz presente em todo o romance.

61 - (UEG GO)

Clarice Lispector publicou seu primeiro romance em 1944 e o último em 1977, ano em que faleceu. Sua atividade literária engloba, portanto, um período de quase trinta anos, durante os quais o Brasil passou por importantes transformações socioeconômicas. Sobre tais transformações e sobre o romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, publicado por Lispector em 1969, é CORRETO afirmar:

a) Os nomes dos protagonistas do romance, Loreley e Ulisses, fazem referência a dois personagens mitológicos: uma sereia da mitologia germânica e um herói da mitologia grega, respectivamente.

b) Durante esse período, o Brasil viveu politicamente o advento de dois regimes ditatoriais: o Golpe do Estado Novo de Vargas e a chamada Política dos Coronéis, implantada pelo regime militar.

c) O golpe militar de 1964 aparece como pano de fundo do romance. A história de amor impossível dos protagonistas, que resiste a todas as adversidades, surge como metáfora contra a ditadura.

d) Em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, a cidade do Rio de Janeiro, onde a ação decorre, é retratada de modo realista, sendo freqüente a referência à criminalidade e à violência urbana.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 62

[1]Libindo intervém de novo:

- Senhores, estamos cometendo uma injustiça para com nosso venerando pároco. É um homem de cultura e larga experiência. Ele ainda não nos disse o que pensa sobre essas sete “ressurreições”...

[5]Cabeças voltam-se para o vigário, que balbucia:

- Não tenho explicação para o fenômeno. Nunca em toda a minha vida, já bastante longa, tive conhecimento de que algum morto tivesse ressuscitado...

- E o que me diz da ressurreição de Lázaro, que lá está descrita no Novo Testamento? - pergunta o professor com o seu sorriso mais maquiavélico.

[10] - Mas isso aconteceu nos tempos bíblicos - argumenta o pároco.

- Daqui a dois mil anos - diz Pedro-Paulo - , se uma guerra nuclear não abolir por completo o Futuro, daqui a vinte séculos a nossa era talvez possa ter um prestígio místico e mágico igual ou maior que o dos tempos bíblicos.

(...)

[15] Lucas Faia aproxima-se do pe. Gerôncio e quase se acocora, atencioso, aos pés do velho:

- O nosso amado vigário não nos disse ainda se *acredita* ou não na ressurreição de Lázaro...

Incidente em Antares, de Érico Veríssimo, p. 327.

62 - (UDESC SC)

Levando em consideração o excerto de *Incidente em Antares*, Érico Veríssimo, analise as assertivas que seguem.

I. O uso dos adjetivos destacados nas falas de Lucas Faia, "venerando pároco" (ref. 1), "larga experiência" (ref. 1) e "amado vigário" (ref.15), no contexto do excerto, revela o quanto ele ama o padre e respeita as suas considerações.

II. Pode-se dizer que, do tom satírico e irônico da obra e do excerto acima, depreende–se uma certa criticidade em relação a assuntos que permeiam a moral e os bons costumes da sociedade, em especial à religiosidade.

III. *Incidente em Antares* narra a história da cidade de Antares, que enfrenta um "incidente" surreal, a ressurreição de mortos, e a revelação das verdades por esses ressuscitados.

IV. O uso das reticências no final das falas referentes ao padre - "Ele ainda não nos disse o que pensa sobre essas sete "ressurreições" ..." (ref. 1) e "O nosso amado vigário não nos disse ainda se *acredita* ou não na ressurreição de Lázaro..." (ref 15) - denota a incompletude de um pensamento suspenso. No contexto da obra e do excerto, esta implicitude da ideia não revelada leva o leitor a inferir uma criticidade em relação ao padre e, por sua vez, aos preceitos da Igreja.

V. O inusitado da fala do padre é que, ao ser indagado sobre a ressurreição, ele nem sequer menciona as ressurreições relatadas na Bíblia; e o inusitado continua ainda quando o professor faz referência não à maior ressurreição narrada na Bíblia - a de Jesus -, mas à de Lázaro.

Assinale a alternativa **correta**.

a) Somente as afirmativas II, III, IV e V são verdadeiras.

b) Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.

c) Somente as afirmativas I e V são verdadeiras.

d) Somente as afirmativas II e V são verdadeiras.

e) Todas as afirmativas são verdadeiras.

TEXTO: 4 - Comum às questões: 63, 64

[01]"A partir de Ciranda de Pedra, de 1954, [02]cada livro de Lygia Fagundes Telles, mesmo [03]trazendo a sua marca, parece escrito por outra [04]Lygia. Quero dizer, ela não se repete. Ninguém [05]aprende a escrever de uma vez por todas. O [06]livro que estamos escrevendo nos ensina mas [07]só a resolver os problemas propostos por ele. O [08]que vamos escrever a seguir traz também os [09]seus desafios e as suas dificuldades inerentes.

[10]De que tratam os contos de Lygia [11]Fagundes Telles? Ora, do que acontece ao [12]redor dela e ao redor de nós e também do [13]nosso interior, claro. Em suma, tratam dos [14]'naturais tormentos dos quais a condição [15]humana é herdeira', como já descobrira ou [16]suspeitara o príncipe da Dinamarca. E o que foi [17]que Lygia viu ao seu redor, ou ao redor de sua [18]mente ou dentro dela e que despertou o [19]mecanismo lygiano de criação? Obviamente o [20]que a sua inteligência e a sua sensibilidade [21]focalizaram em dado momento – instantes, [22]lampejos, sementes, pensamentos, [23]lembranças.

[24]Todo escritor precisa ser astucioso em [25]benefício do leitor e a astúcia de Lygia está em [26]nos passar a impressão de que ela não [27]inventou as histórias que conta. É como se as [28]tivesse visto acontecendo, as tivesse anotado e [29]transcrito para nós. Quer dizer então que é fácil [30]escrever? Basta ver, anotar e transcrever? Não [31]exatamente.

[32]Olhar todo mundo pode. Ver já é mais [33]complicado. Todo mundo vê – mas vê o quê? O [34]que está patente na superfície. Já o escritor [35]precisa ver o que está na superfície e o que [36]está por baixo, o que está em volta e mais, o [37]que está lá dentro, invisível aos distraídos. Por [38]ter essa visão profunda, a abrangente Lygia é a [39]escritora que é.

[40]É preciso ainda dizer alguma coisa também [41]sobre sua linguagem. Ao longo do seu trabalho [42]– desse aprendizado incessante – ela foi [43]desbastando a frase quase ao ponto de criar [44]uma sintaxe própria, eliminando certas [45]partículas de presença tão óbvia e que bem [46]podem ficar subentendidas."

(José J. Veiga. Orelhas da obra *Invenção e Memória.*)

TEXTO: 5 - Comum às questões: 63, 64

História de Passarinho

[47]Um ano depois os moradores do bairro [48]ainda se lembravam do homem de cabelo [49]ruivo que enlouqueceu e sumiu de casa.

[50]Ele era um santo, disse a mulher [51]levantando os braços. E as pessoas em redor [52]não perguntaram nada e nem era preciso, [53]perguntar o que se todos já sabiam que era [54]um bom homem que de repente abandonou [55]casa, emprego no cartório, o filho único, [56]tudo. E se mandou Deus sabe para onde.

[57]Só pode ter enlouquecido, sussurrou a [58]mulher. Mas de uma coisa estou certa, tudo [59]começou com aquele passarinho, começou [60]com o passarinho. Que o homem ruivo não [61]sabia se era um canário ou um pintassilgo, Ô! [62]Pai, caçoava o filho, que raio de passarinho é [63]esse que você foi arrumar?!

[64]Não sei, filho, deve ter caído de algum [65]ninho, peguei ele na rua, não sei que [66]passarinho é esse. [67]O menino mascava chicle. Você não sabe [68]nada mesmo, Pai, nem marca de carro, nem [69]marca de cigarro, nem marca de passarinho, [70]você não sabe nada.

[71]Em verdade, o homem ruivo sabia bem [72]poucas coisas. Mas de uma coisa ele estava [73]certo, é que naquele instante gostaria de [74]estar em qualquer parte do mundo, mas em [75]qualquer parte mesmo, menos ali. Mais [76]tarde, quando o passarinho cresceu, o [77]homem ruivo ficou sabendo também o [78]quanto ambos se pareciam, o passarinho e [79]ele.

[80]Ai! o canto desse passarinho, [81]resmungava a mulher, Você quer mesmo me [82]atormentar, Velho. O menino esticava os [83]beiços tentando fazer rodinhas com a fumaça [84]do cigarro que subia para o teto: Bicho mais [85]chato, Pai. Solta ele.

[86]Antes de sair para o trabalho o homem [87]ruivo costumava ficar algum tempo olhando [88]o passarinho que desatava a cantar. O [89]homem então enfiava a ponta do dedo entre [90]as grades, era a despedida e o passarinho, [91]emudecido, vinha meio encolhido oferecer–lhe [92]a cabeça para a carícia. Enquanto o [93]homem se afastava, o passarinho se atirava [94]meio às cegas contra as grades, fugir, fugir! [95]Algumas vezes, o homem assistiu a essas [96]tentativas que deixavam o passarinho tão [97]cansado, o peito palpitante, o bico ferido. Eu [98]sei, você quer ir embora, você quer ir [99]embora mas não pode ir, lá fora é diferente e [100]agora é tarde demais.

[101]A mulher punha-se então a falar e falava [102]uns cinqüenta minutos sobre as coisas todas [103]que quisera ter e que o homem ruivo não lhe [104]dera, não esquecer aquela viagem para [105]Pocinhos do Rio Verde e o Trem Prateado [106]descendo pela noite até o mar. Esse mar que [107]se não fosse o Pai (que Deus o tenha!) ela [108]jamais teria conhecido porque em negra hora [109]se casara com um homem que não prestava [110]para nada, Não sei mesmo onde estava com [111]a cabeça quando me casei com você, Velho.

[112]Ele continuava com o livro aberto no [113]peito, gostava muito de ler. Quando a mulher [114]baixava o tom de voz, ainda furiosa (mas [115]sem saber mais a razão de tanta fúria), o [116]homem ruivo fechava o livro e ia conversar [117]com o passarinho. Decorridos os cinqüenta [118]minutos das queixas, e como ele não [119]respondia mesmo, ela se calava exausta. [120]Puxava-o pela manga, afetuosa: Vai, Velho, [121]o café está esfriando, nunca pensei que nesta [122]idade eu fosse trabalhar tanto assim. O [123]homem ia tomar o café. Numa dessas vezes, [124]esqueceu de fechar a portinhola e quando [125]voltou com o pano preto para cobrir a gaiola [126](era noite) a gaiola estava vazia. Ele então [127]sentou-se no degrau de pedra da escada e ali [128]ficou pela madrugada, fixo na escuridão. [129]Quando amanheceu, o gato da vizinha [130]desceu o muro, aproximou-se da escada [131]onde estava o homem ruivo e ficou ali [132]estirado, a se espreguiçar sonolento de tão [133]feliz. Por entre o pelo negro do gato [134]desprendeu-se uma pequenina pena [135]amarelo-acinzentada que o vento [136]delicadamente fez voar. O homem inclinou–se [137]para colher a pena entre o polegar e o [138]indicador. Mas não disse nada.

[139]Calmamente, sem a menor pressa o [140]homem ruivo guardou a pena no bolso do [141]casaco e levantou-se com uma expressão tão [142]estranha que o menino parou de rir para ficar [143]olhando. Repetiria depois à Mãe, Mas ele até [144]que parecia contente, Mãe, juro que o Pai [145]parecia contente, juro! A mulher então [146]interrompeu o filho num sussurro, Ele ficou [147]louco.

[148]Quando formou-se a roda de vizinhos, o [149]menino voltou a contar isso tudo mas não [150]achou importante contar aquela coisa que [151]descobriu de repente: o Pai era um homem [152]alto, nunca tinha reparado antes como ele [153]era alto. Não contou também que estranhou [154]o andar do Pai, firme e reto, mas por que ele [155]andava agora desse jeito? E repetiu o que [156]todos já sabiam, que quando o Pai saiu, [157]deixou o portão aberto e não olhou para trás.

(Lygia Fagundes Telles. *Invenção e Memória*.)

63 - (UECE)

Considerando ainda a afirmação de J. J. Veiga sobre a sintaxe própria de Lygia Fagundes Telles (refs. 40-46), observe as opções a seguir. Essas opções incluem, para cada enunciado extraído do texto, um correspondente em que ocorre uma alteração sintática, que vem grifada. Assinale a única opção em que a alteração do enunciado NÃO objetiva substituir a sintaxe inovadora pela sintaxe tradicional.

a) “tudo começou com aquele passarinho, começou com o passarinho. Que o homem ruivo não sabia se era um canário ou um pintassilgo” (refs. 58-61) / tudo começou com aquele passarinho, começou com o passarinho, que o homem ruivo não sabia se era um canário ou um pintassilgo.

b) “Em verdade, o homem ruivo sabia bem poucas coisas. Mas de uma coisa ele estava certo, é que naquele instante gostaria de estar em qualquer parte do mundo” (refs. 71-74) / Em verdade, o homem ruivo sabia bem poucas coisas, mas de uma coisa ele estava certo, é que naquele instante gostaria de estar em qualquer parte do mundo.

c) “Quando formou-se a roda de vizinhos, o menino voltou a contar isso tudo” (refs. 148-149) / Quando se formou a roda de vizinhos, o menino voltou a contar isso tudo.

d) “Antes de sair para o trabalho o homem ruivo costumava ficar algum tempo olhando o passarinho que desatava a cantar.” (refs. 86-88) / Antes que saísse para o trabalho o homem ruivo costumava ficar algum tempo olhando o passarinho que desatava a cantar.

TEXTO: 6 - Comum às questões: 63, 64

[01]“A partir de Ciranda de Pedra, de 1954, [02]cada livro de Lygia Fagundes Telles, mesmo [03]trazendo a sua marca, parece escrito por outra [04]Lygia. Quero dizer, ela não se repete. Ninguém [05]aprende a escrever de uma vez por todas. O [06]livro que estamos escrevendo nos ensina mas [07]só a resolver os problemas propostos por ele. O [08]que vamos escrever a seguir traz também os [09]seus desafios e as suas dificuldades inerentes.

[10]De que tratam os contos de Lygia [11]Fagundes Telles? Ora, do que acontece ao [12]redor dela e ao redor de nós e também do [13]nosso interior, claro. Em suma, tratam dos [14]‘naturais tormentos dos quais a condição [15]humana é herdeira’, como já descobrira ou [16]suspeitara o príncipe da Dinamarca. E o que foi [17]que Lygia viu ao seu redor, ou ao redor de sua [18]mente ou dentro dela e que despertou o [19]mecanismo lygiano de criação? Obviamente o [20]que a sua inteligência e a sua sensibilidade [21]focalizaram em dado momento – instantes, [22]lampejos, sementes, pensamentos, [23]lembranças.

[24]Todo escritor precisa ser astucioso em [25]benefício do leitor e a astúcia de Lygia está em [26]nos passar a impressão de que ela não [27]inventou as histórias que conta. É como se as [28]tivesse visto acontecendo, as tivesse anotado e [29]transcrito para nós. Quer dizer então que é fácil [30]escrever? Basta ver, anotar e transcrever? Não [31]exatamente.

[32]Olhar todo mundo pode. Ver já é mais [33]complicado. Todo mundo vê – mas vê o quê? O [34]que está patente na superfície. Já o escritor [35]precisa ver o que está na superfície e o que [36]está por baixo, o que está em volta e mais, o [37]que está lá dentro, invisível aos distraídos. Por [38]ter essa visão profunda, a abrangente Lygia é a [39]escritora que é.

[40]É preciso ainda dizer alguma coisa também [41]sobre sua linguagem. Ao longo do seu trabalho [42]– desse aprendizado incessante – ela foi [43]desbastando a frase quase ao ponto de criar [44]uma sintaxe própria, eliminando certas [45]partículas de presença tão óbvia e que bem [46]podem ficar subentendidas."

(José J. Veiga. Orelhas da obra *Invenção e Memória.*)

TEXTO: 7 - Comum às questões: 63, 64

História de Passarinho

[47]Um ano depois os moradores do bairro [48]ainda se lembravam do homem de cabelo [49]ruivo que enlouqueceu e sumiu de casa.

[50]Ele era um santo, disse a mulher [51]levantando os braços. E as pessoas em redor [52]não perguntaram nada e nem era preciso, [53]perguntar o que se todos já sabiam que era [54]um bom homem que de repente abandonou [55]casa, emprego no cartório, o filho único, [56]tudo. E se mandou Deus sabe para onde.

[57]Só pode ter enlouquecido, sussurrou a [58]mulher. Mas de uma coisa estou certa, tudo [59]começou com aquele passarinho, começou [60]com o passarinho. Que o homem ruivo não [61]sabia se era um canário ou um pintassilgo, Ô! [62]Pai, caçoava o filho, que raio de passarinho é [63]esse que você foi arrumar?!

[64]Não sei, filho, deve ter caído de algum [65]ninho, peguei ele na rua, não sei que [66]passarinho é esse. [67]O menino mascava chicle. Você não sabe [68]nada mesmo, Pai, nem marca de carro, nem [69]marca de cigarro, nem marca de passarinho, [70]você não sabe nada.

[71]Em verdade, o homem ruivo sabia bem [72]poucas coisas. Mas de uma coisa ele estava [73]certo, é que naquele instante gostaria de [74]estar em qualquer parte do mundo, mas em [75]qualquer parte mesmo, menos ali. Mais [76]tarde, quando o passarinho cresceu, o [77]homem ruivo ficou sabendo também o [78]quanto ambos se pareciam, o passarinho e [79]ele.

[80]Ai! o canto desse passarinho, [81]resmungava a mulher, Você quer mesmo me [82]atormentar, Velho. O menino esticava os [83]beiços tentando fazer rodinhas com a fumaça [84]do cigarro que subia para o teto: Bicho mais [85]chato, Pai. Solta ele.

[86]Antes de sair para o trabalho o homem [87]ruivo costumava ficar algum tempo olhando [88]o passarinho que desatava a cantar. O [89]homem então enfiava a ponta do dedo entre [90]as grades, era a despedida e o passarinho, [91]emudecido, vinha meio encolhido oferecer–lhe [92]a cabeça para a carícia. Enquanto o [93]homem se afastava, o passarinho se atirava [94]meio às cegas contra as grades, fugir, fugir! [95]Algumas vezes, o homem assistiu a essas [96]tentativas que deixavam o passarinho tão [97]cansado, o peito palpitante, o bico ferido. Eu [98]sei, você quer ir embora, você quer ir [99]embora mas não pode ir, lá fora é diferente e [100]agora é tarde demais.

[101]A mulher punha-se então a falar e falava [102]uns cinqüenta minutos sobre as coisas todas [103]que quisera ter e que o homem ruivo não lhe [104]dera, não esquecer aquela viagem para [105]Pocinhos do Rio Verde e o Trem Prateado [106]descendo pela noite até o mar. Esse mar que [107]se não fosse o Pai (que Deus o tenha!) ela [108]jamais teria conhecido porque em negra hora [109]se casara com um homem que não prestava [110]para nada, Não sei mesmo onde estava com [111]a cabeça quando me casei com você, Velho.

[112]Ele continuava com o livro aberto no [113]peito, gostava muito de ler. Quando a mulher [114]baixava o tom de voz, ainda furiosa (mas [115]sem saber mais a razão de tanta fúria), o [116]homem ruivo fechava o livro e ia conversar [117]com o passarinho. Decorridos os cinqüenta [118]minutos das queixas, e como ele não [119]respondia mesmo, ela se calava exausta. [120]Puxava-o pela manga, afetuosa: Vai, Velho, [121]o café está esfriando, nunca pensei que nesta [122]idade eu fosse trabalhar tanto assim. O [123]homem ia tomar o café. Numa dessas vezes, [124]esqueceu de fechar a portinhola e quando [125]voltou com o pano preto para cobrir a gaiola [126](era noite) a gaiola estava vazia. Ele então [127]sentou-se no degrau de pedra da escada e ali [128]ficou pela madrugada, fixo na escuridão. [129]Quando amanheceu, o gato da vizinha [130]desceu o muro, aproximou-se da escada [131]onde estava o homem ruivo e ficou ali [132]estirado, a se espreguiçar sonolento de tão [133]feliz. Por entre o pelo negro do gato [134]desprendeu-se uma pequenina pena [135]amarelo-acinzentada que o vento [136]delicadamente fez voar. O homem inclinou–se [137]para colher a pena entre o polegar e o [138]indicador. Mas não disse nada.

[139]Calmamente, sem a menor pressa o [140]homem ruivo guardou a pena no bolso do [141]casaco e levantou-se com uma expressão tão [142]estranha que o menino parou de rir para ficar [143]olhando. Repetiria depois à Mãe, Mas ele até [144]que parecia contente, Mãe, juro que o Pai [145]parecia contente, juro! A mulher então [146]interrompeu o filho num sussurro, Ele ficou [147]louco.

[148]Quando formou-se a roda de vizinhos, o [149]menino voltou a contar isso tudo mas não [150]achou importante contar aquela coisa que [151]descobriu de repente: o Pai era um homem [152]alto, nunca tinha reparado antes como ele [153]era alto. Não contou também que estranhou [154]o andar do Pai,

firme e reto, mas por que ele [155]andava agora desse jeito? E repetiu o que [156]todos já sabiam, que quando o Pai saiu, [157]deixou o portão aberto e não olhou para trás.

(Lygia Fagundes Telles. *Invenção e Memória*.)

64 - (UECE)

No texto 1, ao falar da linguagem literária de Lygia Fagundes Telles, José J. Veiga diz que "ela foi desbastando a frase quase ao ponto de criar uma sintaxe própria, eliminando certas partículas de presença tão óbvia e que bem podem ficar subentendidas" (refs. 42-46). Assinale a opção em que Lygia Fagundes Telles faz esse trabalho com a sintaxe, no caso, omitindo uma partícula que relaciona orações.

a) "Ele era um santo, disse a mulher levantando os braços." (refs. 50-51)

b) "Ele continuava com o livro aberto no peito, gostava muito de ler." (refs. 112-113)

c) "Em verdade, o homem ruivo sabia bem poucas coisas." (refs. 71-72)

d) "O homem inclinou-se para colher a pena entre o polegar e o indicador." (refs. 136-138)

TEXTO: 8 - Comum à questão: 65

Logo depois transferiu-se para o trapiche [local destinado à guarda de mercadorias para importação ou exportação] o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais estranhas, porém, que aqueles meninos, moleques de todas as cores e de idades, as mais variadas, desde os 9 aos 16 anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações. . .

(AMADO, Jorge. O trapiche. *Capitães de Areia*. São Paulo: Livraria Martins Ed., 1937. Adaptado.)

65 - (FATEC SP)

Capitães de Areia é um romance, de Jorge Amado, que trata

a) da vida de órfãos sobreviventes de um naufrágio ocorrido perto da cidade de Pernambuco.

b) do sofrimento de um grupo de meninos sobreviventes de uma chacina no Rio de Janeiro.

c) do drama vivenciado por jovens chineses e africanos encontrados nos porões de um navio no porto de Santos.

d) da pobreza vivida pelos jovens fugidos de um reformatório em busca do sonho de liberdade em Recife.

e) das histórias cotidianas de meninos de rua que lutam pela sobrevivência em Salvador.

TEXTO: 9 - Comum às questões: 66, 67

O advogado fitou o mar coberto de lua, de alguma parte chegava um baticum de samba-de-roda, cantiga de capoeira:

Panhe a laranja no chão tico-tico

Meu amô foi simbora eu não fico

Minha toalha é de renda de bico

Panhe a laranja no chão tico-tico

— Tadeu Canhoto? Não é um que, na Faculdade, fez prova de matemática toda em versos decassílabos?

— Esse mesmo.

— Tenho ouvido muito falar nele, dizem-no moço de grande talento, ainda outro dia um amigo recém-chegado do Rio contou-me que o engenheiro Canhoto goza da maior confiança do doutor Paulo de Frontin — parou, ouviu a cantiga distante, meu amor foi-se embora, eu não fico: — Não vou lhe dizer que estou alegre, pensei que ia ter a honra de pedir sua mão, de tê-la um dia de senhora e companheira. Volto à minha papelada, aos livros e pareceres, tenho gostos de solteirão, não sei se seria um bom marido. Permita que lhe antecipe os parabéns pelo casamento. Pelo casamento e pela coragem.

AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres**. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 252.

66 - (UNEB BA)

Na obra, o episódio que envolve Tadeu Canhoto e o coronel Gomes comprova uma denúncia contra

01. o preconceito étnico-social.
02. a corrupção no meio político.
03. a exploração do homem através do trabalho.
04. o choque de interesses entre fazendeiros do sertão.
05. a prática de negócios ilícitos pela elite econômica baiana.

67 - (UNEB BA)

O texto, inserido na obra, permite afirmar:

01. A personagem Lu representa a jovem que, por amor, enfrenta e vence as barreiras familiares e sociais.
02. A narrativa, por meio de Tadeu Canhoto e Rui Passarinho, questiona a validade do saber acadêmico.
03. A relação do advogado Rui Passarinho com o coronel Gomes exemplifica a submissão da lei ao poder econômico.
04. O triângulo amoroso formado por Tadeu Canhoto, Lu e Passarinho evidencia a volubilidade da figura feminina em matéria de amor.
05. A “coragem” a que se refere o advogado tem relação com o comportamento transgressor de Lu, no que se refere ao papel social da mulher, a fim de exercer uma profissão liberal.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 68

Leia o trecho do poema “Retrato falante”, de Cecília Meireles, e as afirmativas.

Não há quem não se espante, quando
mostro o retrato desta sala,
que o dia inteiro está mirando,
e à meia-noite em ponto fala.

Cada um tem sua raridade:
selo, flor, dente de elefante.
Uns tem até felicidade!
Eu tenho o retrato falante

[...]
Na outra noite me disse: “A morte
leva a gente. Mas os retratos
são de natureza mais forte,
além de serem mais exatos.

Quem tiver tentado destruí-los,
por mais que os reduza a pedaços,
encontra os seus olhos tranquilos
mesmo rotos, sobre os seus passos.

Depois que estejas morta, um dia,

tu, que és só desprezo e ternura,

saberás que ainda te vigia

meu olhar, nesta sala escura.

Em cada meia-noite em ponto,

direi o que viste e o que ouviste.

Que eu – mais que tu – conheço e aponto

quem e o que te deixou tão triste."

Com base na leitura do poema, preencha os parênteses com **V** para verdadeiro e **F** para falso.

( ) O retrato tem uma determinada hora para dialogar com o Eu poético, primeira voz no poema.

( ) O leitor pode ser levado, pelo retrato, a pensar sobre a brevidade da vida.

( ) O retrato é uma espécie de duplo ameaçador do Eu poético.

( ) O poema sugere que o retrato é mais duradouro do que a vida.

( ) O retrato suscita terror na alma do Eu poético.

68 - (PUC RS)

Leia o seguinte trecho do conto "O espelho", do livro Primeiras Estórias, de Guimarães Rosa, e as afirmativas, preenchendo os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

Sim, são para se ter medo, os espelhos.

Temi-os, desde menino, por instintiva suspeita. Também os animais negam-se a encará-los, salvo as críveis exceções. Sou do interior, o senhor também; na nossa terra, diz-se que nunca se deve olhar em espelho às horas mortas da noite, estando-se sozinho. Porque, neles, às vezes, em lugar de nossa imagem, assombra-nos alguma outra e medonha visão. Sou, porém, positivo, um racional, piso o chão a pés e patas. Satisfazer-se com fantásticas nãoexplicações? – jamais. Que amedrontadora visão seria então aquela? Quem o Monstro?

Sendo talvez meu medo a revivescência de impressões atávicas? O espelho inspirava receio supersticioso aos primitivos, aqueles povos com a ideia de que o reflexo de uma pessoa fosse a alma.

( ) O narrador demonstra conhecer crenças antigas a respeito do perigo de se mirar em um espelho.

( ) Segundo essas histórias populares, nem sempre os espelhos projetam a imagem de quem se mira, podendo refletir seres assombrosos.

( ) Por ser racional e realista, o narrador sente-se tranquilo em olhar-se no espelho, ciente de que não irá flagrar alguma visão medonha.

( ) De acordo com as crenças, há certas horas perigosas para refletir-se no espelho, sobretudo quando se está só.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – F – F

b) V – F – F – V

c) V – V – F – V

d) V – F – V – F

e) F – F – V – V

TEXTO: 11 - Comum à questão: 69

Tapera de arraial. Ali, na beira do rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu.

Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para o arroz.

E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar.

(...)

É de-tardinha, quando as mutucas convidam as muriçocas de volta para casa, e quando o carapanã rajado mais o mossorongo cinzento se recolhem, que ele aparece, o pernilongo pampa, de pés de prata e asas de xadrez.

Guimarães Rosa.

69 - (FGV)

Com a publicação de *Sagarana*, em 1946, Guimarães Rosa criou um tipo peculiar de regionalismo literário, cujas principais características foram sua original linguagem e a

a) capacidade narrativa, além do virtuosismo descritivo, em detrimento das questões de ordem filosófica e metafísica.

b) fixação de metas sociais para a criação literária, especialmente a defesa dos ideais reformistas voltados para as aspirações coletivas.

c) recusa à idealização do homem do campo e a adesão às teses de um tardio determinismo científico.

d) incorporação inédita do sertão pela prosa de ficção, com ênfase no aspecto exótico da natureza dessa região brasileira.

e) utilização dos elementos pitorescos como condutores de um senso profundo dos grandes problemas do homem.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 70

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente - minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns 20 ou 30 anos. Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalcou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beiço e bramou: – "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: – "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou a olhar em mim e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos se reuniram, tomaram juntamente conselho.

[...]

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele aguentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos – sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim.

[...]

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrenguice de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse – se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais.

Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: – "Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa! . . ." E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro - o rio.

(ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro:

José Olympio, Civilização Brasileira, Três, 1974, p. 51-56).

70 - (IBMEC SP)

O sentimento de fracasso do narrador revelado no último parágrafo pela expressão "Sou homem, depois desse falimento?" tem como causa o acontecimento relatado em

a) "Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito."

b) "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?"

c) "Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber."

d) "Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos."

e) "Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado"

TEXTO: 13 - Comum à questão: 71

Texto I

[1]Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a [2]dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos [3][...]. *A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora [4]aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam* [...].

[5]E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus [6]hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abrasileirou-se.

Aluísio Azevedo, *O cortiço*

Texto II

[1]Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma [2]natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o [3]batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso [4]e forte [...]. *Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria [5]natureza que o rodeia.*

Euclides da Cunha, *Os sertões*

Texto III

[1]Vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais. Os [2]seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da [3]terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava [4]uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro [5]entendia.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*

71 - (Mackenzie SP)

Considere as seguintes afirmações acerca dos **textos I, II e III**:

I. Nos três fragmentos o narrador descreve aspectos físicos e comportamentais de personagens do sertão brasileiro, marcados pela vida agreste e miserável.

II. Embora publicadas em contextos diferentes, as respectivas obras se enquadram no mesmo estilo de época: o Realismo.

III. Nos três fragmentos revela-se uma concepção determinista do homem.

Assinale:

a) se apenas a afirmação I estiver correta.

b) se apenas a afirmação II estiver correta.

c) se apenas a afirmação III estiver correta.

d) se apenas as afirmações I e III estiverem corretas.

e) se nenhuma afirmação estiver correta.

TEXTO: 14 - Comum à questão: 72

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos. Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. E agora só quereria ter o que eu tivesse sido e não fui.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

72 - (UEMA)

A metalinguagem ganha relevo no processo narrativo de **A hora da estrela**. O narrador Rodrigo S. M., dada a insistente angústia de que o ato de escrever sobre a obtusa Macabéa lhe provoca, coloca-se também como uma personagem que experiencia a autocrítica ao mesmo tempo em que se sente fatalmente ligado à personagem que criara. Isso se evidencia na seguinte passagem:

a) “Desculpai-me mas, vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino”.

b) “Pareço conhecer nos menores detalhes essa nordestina, pois se vivo com ela. E com muito adivinhei a seu respeito, ela se me grudou na pele qual melado pegajoso ou lama negra”.

c) “Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida”.

d) “(Esta história são apenas fatos não trabalhados de matéria-prima e que me atingem direto antes de eu pensar. Sei muita coisa que não posso dizer. Aliás pensar o quê?)”.

e) “(Escrevo sobre o mínimo parco enfeitando-o com púrpura, joias e esplendor. É assim que se escreve? Não, não é acumulando e sim desnudando. Mas tenho medo da nudez, pois ela é a palavra final.)”

TEXTO: 15 - Comum à questão: 73

Madama Carlota havia acertado tudo. (...) Até para atravessar a rua ela era outra pessoa. [1]Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos faiscavam como o sol que morria. Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a (...).

LISPECTOR, Clarice. A Hora da Estrela. São Paulo: Rocco, 1977.

73 - (UNIFOR CE)

A respeito de Clarice Lispector, pode-se afirmar:

I. O último livro da autora, publicado no ano de sua morte, aparentemente narra apenas o sofrimento da alagoana Macabéa no Rio de Janeiro, porém a obra é bem mais complexa.

II. Sempre que questionada sobre sua nacionalidade, Clarice afirmava não ter nenhuma ligação com a Ucrânia, e que sua verdadeira pátria era o Brasil.

III. É notória a sua grande habilidade em descrever emoções e sentimentos humanos.

IV. São suas obras: Perto do Coração Selvagem; Laços de Família; O Homem Nu, entre outras.

V. A obra de Clarice, por sua característica simplista, pode ser facilmente classificada.

Estão corretos:

a) I, II e IV.

b) II, III e V.

c) I, II e III.

d) III, IV e V.

e) Todos os itens.

TEXTO: 16 - Comum à questão: 74

Satélite

Fim de tarde.

No céu plúmbeo

A Lua baça

Paira

Muito cosmograficamente

Satélite.

Desmetaforizada,

Desmitificada,

Despojada do velho segredo de melancolia,

Não é agora o golfão de cismas,

O astro dos loucos e dos enamorados,

Mas tão somente

Satélite.

Ah Lua deste fim de tarde,

Demissionária de atribuições românticas,

Sem show *para as disponibilidades sentimentais!*

Fatigado de mais-valia,

gosto de ti, assim:

Coisa em si,

– Satélite.

Manuel Bandeira

74 - (FGV)

Considere as seguintes afirmações:

I. No texto de Drummond, mesmo a efetiva experiência do "maravilhamento" não cancela de todo a diferença entre o sujeito e o cosmo, não os identifica nem integra em uma só totalidade, selada pelo reconhecimento recíproco.

II. No conjunto da obra de Bandeira, diferentemente do que ocorre no poema "Satélite", o "maravilhamento" a que remete o texto de Drummond converte-se, com frequência, em "alumbramento", termo em que se reconhece uma das palavras-chave da poética do escritor pernambucano.

III. No conjunto da obra de Drummond, um momento alto e célebre em que é o sujeito quem desdenha o cosmo e, embora sem euforia, recusa-se a com ele se integrar, encontra-se no famoso poema "A máquina do mundo".

Está correto o que se afirma em

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

GABARITO:

1) Gab: E

2) Gab: B

3) Gab: B

4) Gab: B

5) Gab: A

6) Gab: B

Gab: D

Gab: C

7) Gab: E

8) Gab: D

Gab: A

Gab: B

Gab: E

9) Gab: A

10) Gab: D

Gab: B

Gab: E

11) Gab: B

12) Gab: E

Gab: A

Gab: B

Gab: B

Gab: D

13) Gab: E

14) Gab: E

15) Gab: B

16) Gab: E

17) Gab: B

Gab: E

Gab: A

18) Gab: C

19) Gab: A

Gab: D

20) Gab: C

21) Gab:

22) Gab: E

23) Gab: B

24) Gab: A

25) Gab: B

26) Gab: B

27) Gab: D

28) Gab: D

29) Gab: B

30) Gab: D

31) Gab: D

32) Gab: D

33) Gab: B

34) Gab: A

35) Gab: D

36) Gab: C

37) Gab: A

38) Gab: E

39) Gab: B

40) Gab: C

41) Gab: A

42) Gab: E

43) Gab: B

44) Gab: D

45) Gab:D

46) Gab: A

47) Gab: D

48) Gab: B

49) Gab: C

50) Gab: B

51) Gab: B

52) Gab: B

53) Gab: C

54) Gab: B

55) Gab: B

56) Gab: D

57) Gab: D

58) Gab: A

59) Gab: B

60) Gab: D

61) Gab: A

62) Gab: A

63) Gab: D

64) Gab: B

65) Gab: E

66) Gab: 01

67) Gab: 01

68) Gab: C

69) Gab: E

70) Gab: E

71) Gab: C

72) Gab: B

73) Gab: C

74) Gab: E